



Diretrizes Nacionais



Diretrizes Nacionais

expediente

Diretoria da UMBRASIL

IR. RENATO AUGUSTO DA SILVA
IR. CÉZAR CAVANUS
IR. ODILMAR FACHI

Secretário Executivo da UMBRASIL

IR. NATALINO GUILHERME DE SOUZA

Coordenadores das Áreas

MISSÃO E GESTÃO: RICARDO MARIZ
VIDA CONSAGRADA E LAICATO: IR. IVONIR IMPERATORI

Grupo de Trabalho Atualização das

Diretrizes da PJM

ALEX GONÇALVES PIN
IR. EDICARLOS PEREIRA COELHO
IR. RONALDO LUZZI
JOÃO VITOR MENDUIÑA RAMOS PEREIRA
KAREN THELINE CARDOSO DA SILVA
LAURA DE FÁTIMA FERRAZ
LYANDRA MELGAREJO SEFFRIN
MILLENA DE JESUS OLIVEIRA
NAYRALINE BARBOSA DE OLIVEIRA
PAULO AFONSO DE ARAÚJO QUERMES
VITÓRIA BUSATO SOARES

Projeto gráfico e Diagramação

ILUMINURA



Sumário

INTRODUÇÃO

Como ler este documento?	8
O que nos leva a escrever?	9

1. PJM: NOSSAS FONTES

Seguimento de Jesus Cristo	11
Do jeito de Maria	13
Inspirados por Champagnat	14

2. MEMÓRIA DA PJM

Caminhada 2005-2019 Brasil Marista	19
Caminhada de cada Província	21
Província Marista Brasil Centro-Norte (PMBCN)	21
Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)	21
Província Marista Brasil Sul-Amazônia (PMBSA)	21

3. PRINCÍPIOS NORTEADORES

Cultivo da Interioridade	24
Defesa de Direitos	25
Diálogo Inter-Religioso, Ecumênico e com “Não Crentes”	26
Diversidade	27
Ecologia Integral e Casa Comum	28
Engajamento Sociopolítico	29
Espiritualidade Apostólica Marista	30
Igreja Povo de Deus	31
Solidariedade	32

4. OPÇÕES PEDAGÓGICO-PASTORAIS

Adolescentes e Jovens	36
Desenvolvimento Integral da Pessoa	36
Dimensão psicoafetiva	37
Dimensão psicossocial	37
Dimensão política	38
Dimensão espiritual	38

Dimensão técnica	38
Grupo	39
Organização	39
Acompanhamento	41
Mística - o processo de educação e amadurecimento na fé	41
Metodo	42

5. ACOMPANHAMENTO

As formas de acompanhamento	46
O papel de quem acompanha	46
Acompanhamento e Projeto de Vida	48

6. HORIZONTES

Ser Evangelizadoras/es, Sal da Terra e Luz do Mundo	52
Civilização do Amor: Alimentar as Utopias	52
Maria: inspiração para as juventudes	54
Cultura do Diálogo: favorecendo a construção de pontes	55
Construtoras/es de uma cultura da solidariedade, da paz e do bem viver	56
Exercício da Cidadania Participativa e o Empoderamento das Juventudes	56
Inteligências Socioemocionais	59
Ética e Alteridade	60
Vivência contínua do legado de São Marcelino Champagnat	61

7. O CAMINHO SE FAZ CAMINHO

REFERÊNCIAS	64
-------------	----

Apresentação

Moluptati blaudis quidunt orrovid moluptam fuga. Sed quos sed endebit iissintore, qui debisim volessum endundicim quaerum voluptist eatest hilicide moluptatibus ium quae molorerori autessi tatumped qui ute nam, il maxim laborem siminverrumenimi, oditat et experae peligent qui autas aut aut alitiamus simporenes eius.

Dendit etur, auditas moloribusae volupti orepel exerovi tiument odio. Officipitam recta culparci consecatur si dolenitae esed molorrum nim verro occus, quodiamet anitia qui ipident ionsequi odis arum non endandus, cusant imaximo lupitature in consed mossum sandes rae doluptatem nonsed qui dentibeatiis ne omnis et est vit lignis periatitetus sim quaectati sit, sundebis rerferis as explatur sam estotat ipit quis

Icipsan totaess inustiu rionet lacerrum quunt, voluptaquid experectias neces pa des ent everiore maximpos por sinctot atest, ximusda volupta tquodi optatur?

Untur? Rat quod quia eum quo cus volorem verionsed earia non enesed quibus sitatium laboreium si aAs sequi nosam

similla borenda eptatiasped ex eate nobit plique cus netur re dolore core pore? Ehenisciis con pre perrum que omni re, odis maiorer chicienet quatia con restio. Et a voluptatus sunt. Ehendicium, sapecerep uditibus velloreptas sunt et hari untion cuptam commo occuptatur aspiciet aligend aeperae pedianda voluptae eum re nonsequ ostius as sandesc iducidelitae verciis iuntor aut elest, testem in nonsequenidolupta temperestrum quis molestemque nusdaepror magnis ad ut mi, odit que por aspelit qui delentusda vellatias mo experit eumquos sa aut expe laut la sita dus, si officillatia ped ut volorem nus, qui res acepel idit latio qui dessimus quisseriorem is res eos eicilis am faciis eosam, conet a corumque landita temollupta explant orrovidempor maximoluptat qui idus, simo consequos est, cusam et alibus, nonsedis sam res volori volo deliber erfero bearum latur Molorpore nonestias adipiet, nonsequatis atemper erchillibus eum dent omniet rerae sit harchiti officit atemquodia in consequo pos quos aceremperum veri dit, natiscius modipici duci resecea aut reniendi dolut in earis id utem nonem. Necabo. Mus et dest volorer ianihitiunt laut odi adit

etur ra sundior sequi dignatis dolorpos et voleriorpos rati apelis eicitio nsequam as del ilit autet exerfero dolorio. Evero blabo: Onsedidoluptatias nes estrum exerferi tet quatia net dolorunt, cus doluptas magnatur? Otas expe coreped ex et que nobis re culparu mquatem porecto tem ipicto volupta tatumquas dolupient, consequo doluptio consequas volupta sunt, ut eicium velenih itione ventio offic tesequi corum, sum sim cusandel iusihiliquiat dis ese velit harum eosaper uptatatem quodicabo. Caborestio explam rati occus sum seque nit utemporero cuptas dolescidese aut doluptatem dero volest optatia ius ipienia nectae nobist, nonecti onsedit labore nimos dodis corit de de volupta dolupta tquiamet quis moluptate comni ut omnis sequi eatum, suntis mod mo et harchil est debis dolupta tiumquamus eius.

uodiamet anitia qui ipident ionsequi odis arum non endandus, cusant imaximo lupitature in consed mossum sandes rae doluptatem nonsed qui dentibeatiis ne omnis et est vit lignis periatitetus sim quaectati sit, sundebis rerferis as explatur sam estotat ipit quis sinimin eniat.

Icipsan totaess inustiu rionet lacerrum quunt, voluptaquid experectias neces pa des ent everiore maximpos por sinctot atest, ximusda volupta tquodi optatur?

Evero blabo: Onsedidoluptatias nes es-

trum exerferi tet quatia net dolorunt, cus doluptas magnatur? Otas expe coreped ex et que nobis re culparu mquatem porecto tem ipicto volupta tatumquas dolupient, consequo doluptio consequas volupta sunt, ut eicium velenih itione ventio offic tesequi corum, sum sim cusandel iusihiliquiat dis ese velit harum eosaper uptatatem quodicabo. Caborestio explam rati occus sum seque nit utemporero cuptas dolescidese aut doluptatem dero volest optatia ius ipienia nectae nobist, nonecti onsedit labore nimos dodis corit de de volupta dolupta tquiamet quis moluptate comni ut omnis sequi eatum, suntis mod mo et harchil est debis dolupta tiumquamus eius.

Dendit etur, auditas moloribusae volupti orepel exerovi tiument odio. Officipitam recta culparci consecatur si dolenitae esed molorrum nim verro occus, quodiamet anitia qui ipident ionsequi odis arum non endandus, cusant imaximo lupitature in consed mossum sandes rae doluptatem nonsed qui dentibeatiis ne omnis et est vit lignis periatitetus sim quaectati sit, sundebis rerferis as explatur sam estotat ipit quis

Icipsan totaess inustiu rionet lacerrum quunt, voluptaquid experectias neces pa des ent everiore maximpos por sinctot atest, ximusda volupta tquodi optatur?

Introdução

Diversidade: diz respeito aos vários aspectos que representam, singularmente, as diferenças de uma pessoa, grupo, sociedade, tradição; refere-se aos signos que particularizam, diferenciam um ser de outro, implica a pluralidade, mas vai além, porque introduz a diferenciação. Diversidade é o oposto de homogeneidade e uniformidade.

Pluralidade: significa algo em grande quantidade, amplo, geral e múltiplo e está relacionada a variedade de uma mesma natureza, hipóteses ou alternativas. Exemplo: pluralidade religiosa (muitas religiões), pluralidade de moedas (muitas moedas, dólar, reais, euro) etc

Depois de quase 15 anos de história da Pastoral Juvenil Marista (PJM), somos chamados/os a nos inspirar na caminhada dos discípulos de Emaús: olhar para o caminho que foi feito, perceber os aprendizados e ousar novos rumos.

Por esse motivo, alinhados à metodologia proposta pela Igreja na América Latina (CELAM, Santo Domingo, n. 119) – ver, julgar, agir, revisar e celebrar - a fim de que a história contemplada torne-se motivo de inspiração e ação comprometida com o carisma marista, iluminando a sua caminhada futura no Brasil.

Ao contemplar a trajetória da PJM no país, reconhecemos a presença marcante de uma **diversidade**, vivenciada a partir da realidade de cada província e contextos sociais distintos. Desse modo, ressaltamos a importância de um alinhamento comum ao Brasil Marista, respeitando a **pluralidade** construída nas Províncias e suas unidades.

Como ler este documento?

Nas reflexões feitas junto ao grupo de trabalho, entendemos que era importante a construção de um documento que conversasse tanto com as/os adolescentes e jovens da PJM, como com suas/seus acompanhadoras/es (animadoras/es, articuladoras/es, assessoras/es, coordenadoras/es e pastoralistas). Para isso, optamos que as Diretrizes utilizassem uma linguagem acessível, leve e comunicativa, contemplando as realidades juvenis.

Há outros documentos que norteiam a atuação da PJM. Dessa forma, recomendamos que seja lido conjuntamente com as Diretrizes Nacionais da PJM (2005), a Mística

da PJM (2008), o Evangelizadores entre os Jovens (2011) e as Orientações para a Revitalização da PJM do Brasil Marista (2015).

No decorrer do texto, encontraremos algumas dicas de outras leituras que poderão ser feitas para aprofundamento. Essas dicas e estes post-it's têm a pretensão de viabilizar uma leitura mais dinâmica do material e ampliar a visão para outras possibilidades.

Obedecendo ao que foi definido como as premissas, o Grupo de Trabalho e a Comissão de Evangelização acolheram as sugestões de que esse Instrumentum Laboris seja um texto vivo, que ele possa ser vivenciado, rezado e celebrado pelas juventudes do Brasil e, ao mesmo, ser atualizado quando se fizer necessário. Todas/os somos convidadas/os a viver essa experiência de vivência e construção comunitárias permanentes.

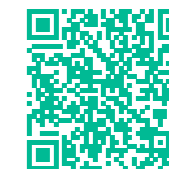
O que nos leva a escrever?

A graça do amor e da ternura de Deus tem-se revelado de diversas formas nestes últimos anos, mediante o trabalho com as juventudes Maristas (DNPJM, 2005, p. 16). Ainda assim, é importante que tenhamos o olhar no horizonte para continuar sonhando e ampliando a nossa **tenda** cada vez mais.

Além de observarmos uma mudança na sociedade, sentimos a necessidade e a importância de rever nossa caminhada percorrida. É preciso amadurecer uma proposta que resgate elementos deixados à margem no decorrer do processo e que fortaleça as conquistas da caminhada. Trata-se de um processo pedagógico-pastoral que contemple as/os adolescentes e jovens na sua integralidade e em sua dinamicidade histórica, social, cultural, espiritual e política, procurando não ser engessada e estática, impelindo-nos a um renovado ardor no trabalho com as juventudes.

É chegada a hora de nos debruçarmos sobre as **Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista**, fazer memória dos caminhos feitos e traçar novas rotas para que cada vez mais adolescentes e jovens possam ter seus corações transformados e tocados pelo amor ao Evangelho de Cristo e ao carisma legado por São Marcelino Champagnat.

Desejamos a todas/os uma agradável leitura!



Documento
"O futuro tem um coração de tenda"
Ir. Emili Turú



Congresso Nacional da PJM | Porto Alegre/2017



1. PJM: nossas fontes

Durante este capítulo, vamos abordar os elementos que caracterizam a PJM como espaço de amadurecimento na fé, a partir do seguimento de Jesus Cristo e sua proposta de Reino, inspirados no jeito de Maria e de Marcelino Champagnat.

Seguimento de Jesus Cristo

A PJM busca oportunizar um encontro pessoal e coletivo com a pessoa de Jesus Cristo, por meio de sua vivência grupal, mística e metodologia. É importante dizer que, a partir do desenvolvimento dos encontros, cada jovem é convidada/o a fazer um caminho de discípulo-missionário (cf. *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 119).

Em 2018, aconteceu o Sínodo dos Bispos, que tinha como temática *os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, no qual a Igreja pode ouvir as juventudes. Segundo o Papa Francisco:

O relacionamento que muitos jovens têm com Jesus é tão variado quanto o número de jovens no mundo. Muitos deles veem Jesus como seu Salvador e Filho de Deus. Ainda, muitas vezes, os jovens encontram a proximidade de Jesus através da Sua Mãe, Maria. Outros, ao contrário, podem não ter tal relação com Jesus, mas o veem mesmo assim como um referencial moral e uma boa

pessoa. Muitos jovens percebem Jesus como um personagem histórico, pertencente a uma época e a uma cultura passada, e por isso, não relevante para as suas vidas. (FRANCISCO, 2018, n.º 6)

É importante que a/o jovem se aproxime da natureza humana de Jesus, reconhecendo o verbo (divino) que se fez carne (humano) e habitou entre nós (Jo 1, 14), fazendo-se presente ao nosso lado. A partir disso, poderá entender que Ele, durante sua vida, foi um ser solidário, sentiu medo, dor e foi incompreendido pelas pessoas.

Em nossos passos, reconhecemos a presença de Jesus Cristo e o encontramos como os discípulos de Emaús. Jesus vem, caminha, ensina e parte o pão conosco (Lc 24, 13-35). Dessa maneira, seguimos nossa metodologia de encontros com partilha, vivência e reflexão, de modo que façamos a experiência com Ele a tal ponto de dizer: “Não ardia o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho e explicava as escrituras?” (Lc 24,32).

Para que nos sintamos inspirados a seguir Jesus, é importante que saibamos nos despertar para uma relação amorosa com Deus, criando intimidade com Ele. O itinerário de amadurecimento da fé proposto pela PJM deve ser um lugar privilegiado para que esses momentos aconteçam com qualidade.

Feito o encontro pessoal com Cristo, o encantamento com a sua pessoa e proposta de Reino, é importante nos provocarmos a um

segmento maduro e prático. É verdade que a proposta do Reino às vezes se faz utópica e frustrante. Muitas são as perguntas que ecoam dentro do coração: *Que Reino queremos? Como podemos construí-lo? Como destruir as estruturas que causam tamanha desigualdade na vida das pessoas?*

A Pastoral Juvenil Marista, por meio de seu itinerário de amadurecimento na fé, apresenta um caminho concreto:

O reino de Deus representa, portanto, uma alternativa para a sociedade injusta, proclama a esperança de uma nova vida, afirma a possibilidade de mudança e formula a utopia. Por isso constitui a melhor notícia que podemos anunciar à humanidade e, a partir de Jesus, a oferta permanente de Deus para a humanidade, que espera por uma resposta. A realização dessa utopia é sempre possível (TURÚ, 2016, p. 9).

A/O adolescente e jovem que faz a opção de seguir Jesus consegue entender que é sujeito de transformação social, a partir da coletividade em que está inserida/o.

Do jeito de Maria

Quando Ir. Emili Turú pergunta em seu Facebook o que é uma Igreja de Rosto Mariano, ele recebe muitas respostas. Contudo, a jovem leiga Marina lhe afirma genuinamente:

Uma Igreja capaz de acolher, sempre e de modo incondicional. Uma Igreja que sorri, partilha e enxuga as lágrimas. Uma Igreja que oferece ternura e vive a mise-

ricórdia. Uma Igreja que perdoa. Uma Igreja que ama com os olhos e com o coração. Uma Igreja que leva ao encontro, e ao abraço totalizando com Jesus (TURÚ, 2012, p. 77).

É essa Igreja que as/os adolescentes e jovens procuram e querem participar. Uma Igreja que acolhe, que caminha junto, que vive o que prega e que olha com ternura. A sensibilidade de Maria com certeza é uma das suas características mais marcantes. Na mística da PJM, podemos ver que ela tem um espaço privilegiado:

Em Caná, a Boa Mãe, além de comprometida com a realidade concreta da festa do casamento, é amorosa porque se alegra com os que vivem uma ocasião importante em suas vidas. Acolhedora e presente, é realista, determinada e capaz de perceber para onde vai a missão de seu Filho, não deixando de ser a intercessora e a protetora dos que estavam ameaçados por uma necessidade (UMBRASIL, 2008, p.87).

É importante que as/os participantes da Pastoral Juvenil Marista se reconheçam como membros ativos da Igreja com rosto mariano. O Papa João Paulo II, ao falar para a Família Marista, ressalta:

Cabe-lhes hoje manifestar de maneira original e específica a presença de Maria na vida da Igreja e dos homens, desenvolvendo, para isso, uma atitude mariana, que se caracteriza por uma disponibilidade alegre às chamadas do Espírito Santo, por uma confiança inquebrantável na Palavra do Senhor, por um caminhar espiritual em relação aos diferentes mistérios da vida de Cristo, e por uma atenção ma-

ternal às necessidades e aos sofrimentos dos homens, especialmente os mais simples (João Paulo II, aos Capítulos Gerais da Família Marista, 2001).

Alegria, confiança, cuidado, disponibilidade e serviço são as características de Maria que admiramos e desejamos para a PJM. Olhamos para a história de Maria e observamos inúmeros desafios que ela assumiu com seu “sim” (Lc 1, 38). A PJM é convidada a ser um espaço acolhedor e sensível as inquietações juvenis.

Maria nos inspira a viver o serviço e o amadurecimento na fé a partir da formação e desenvolvimento integral. Essas são as atitudes que inspiram nossas vivências de grupo. Da mesma forma, para as/os participantes da PJM, o serviço é um modo de vida, contemplando não somente o grupo, mas fora dele, com as pessoas do cotidiano, nas famílias, em sala de aula e em todos os espaços que estiverem inseridas/os.

O desafio de olhar para o todo é grande e a mística nos oferece recursos que podem ajudar nesse processo. É importante que, passo a passo, pouco a pouco, olhemos para o desenvolvimento individual e do grupo.

Outro traço importante do Jeito de Maria é a atitude de compaixão. Um dos apelos do **XXII Capítulo Geral** é que possamos ser o *rostro e as mãos da tua terna misericórdia*. Somos chamados, como Maristas, a responder a esse apelo com audácia. Ela está diretamente ligada a formação integral, porque nos in-

terpela não somente ao perdão, mas também a reavaliar os atos cometidos e termos a atitude de conversão.

Inspirados por Champagnat

Marcelino Champagnat, quando se encontrou com o jovem João Batista Montagne (FURET, 1999, p. 52), procurou apresentar Jesus Cristo na realidade em que ele vivia, o que nos revela o olhar atencioso de nosso fundador com a vida de crianças, adolescentes e jovens, especialmente as/os mais empobrecidas/os. Foi por meio desse encontro que Marcelino mostra a sua radicalidade, entrega ao seguimento de Jesus e a construção do Reino de Deus.

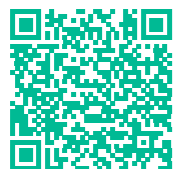
Podemos observar a indignação de Champagnat ao se deparar com uma situação de extrema desigualdade: a falta de acesso à educação religiosa e humana. Montagne motiva o jovem Padre Marcelino à sua missão: “Tornar Jesus Cristo conhecido e amado”. Dessa forma, Champagnat soube olhar a realidade e fazer o seu papel transformador à luz da fé.

Champagnat é um homem à frente do seu tempo, porque nos provoca a sermos imitadores e seguidores de Jesus. O documento Evangelizadores entre os Jovens, nos remete a importância dele como inspiração para a PJM:

Marcelino tinha uma profunda espiritualidade e especiais qualidades que marcaram a sua forma de encarar os acontecimentos cotidianos. Essa é a inspiração na qual encontramos a base da nossa espiritualidade marista:

- A vivência de uma vida cristã muito prática;
 - A habilidade para encontrar as soluções adequadas aos problemas;
 - O instinto especial para a superação de obstáculos, inclusive quando tudo parecia perdido;
 - A sensibilidade com cada pessoa, ao tratar de oferecer respostas concretas às suas necessidades;
 - A simplicidade e a confiança na presença de Deus;
 - A maneira como se entregava à proteção de Maria;
 - O desejo de ser Igreja, abrangendo o mundo inteiro dos jovens.
- Tudo isso inspira nossa maneira de estar com os jovens e deve ser a característica que conduza a Pastoral Juvenil Marista (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2011, n. 108 e 109).

Assim como aconteceu na pequena comunidade de La Valla, as/os adolescentes e jovens da PJM são chamadas/os a serem protagonistas - e esse processo não se faz sozinho. O amadurecimento acontece no grupo, animando umas/uns às/aos outras/os.



2º CONGRESSO NACIONAL DA PJM

na dança



2. Memória da PJM

Juventudes: no Brasil, este movimento foi mais conhecido como JAC, JEC, JJC, JOC e JUC, que era direcionada, respectivamente, à juventude católica agrária, estudantil, independente, operária e universitária.

JAC – juventude agrária católica; JEC – juventude estudantil católica; JJC – juventude independente católica; JOC – juventude operária católica; JUC – juventude universitária católica;

“O **CELAM** é um organismo de comunhão, reflexão, colaboração e serviço como sinal e instrumento de afeto colegial em perfeita comunhão com a Igreja universal e com a sua cabeça visível, o Romano Pontífice. Foi criado no ano de 1955. Como organização de serviço, o CELAM deve ser antes de tudo uma animação e uma ajuda na reflexão e ação pastoral da Igreja na América Latina e no Caribe. O CELAM presta serviços de contato, comunhão, formação, pesquisa e reflexão às 22 Conferências Episcopais que estão localizadas do México ao Cabo Horn, incluindo o Caribe e as Antilhas” (Fonte: http://www.celam.org/quienes_somos.php)

Neste capítulo será abordado um pouco da história das juventudes, no Brasil, na Igreja e no Instituto. Na primeira parte, muito do que foi escrito se baseia no histórico feito na primeira edição das Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista (2005), na qual se encontra um detalhamento de fatos e datas.

O processo de revisão das Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista (DNPJM) não parte do zero. Além de ecoar as lições aprendidas durante esses 15 anos de história, também fazemos uma breve memória dos processos que a antecederam.

A Ação Católica Geral, lançada pelo Papa Pio XI, começa a ser revista a partir de 1950, com a Ação Católica Especializada. Esse movimento foi importante para a Igreja Católica, porque vinculou os movimentos juvenis aos processos sociais e impulsionou a Igreja a uma maior presença no meio das **juventudes**.

Na América Latina, em 1955, acontece a 1ª Conferência Episcopal Latino-Americana, em que é criado o **CELAM**. Os bispos enfatizam a necessidade de a Igreja na América Latina fazer uma imersão na realidade do continente, colocando-se ao lado das/os pobres e marginalizadas/os. De 1961 a 1965, a Igreja vive um momento icônico com o Concílio Vaticano II, trazendo uma nova realidade para a Igreja e para as pastorais, aproximando-a das realidades vivenciadas pela sociedade. Nas décadas seguintes, as conferências do CELAM em Medellín (1967), Puebla (1979), Santo Domingo

(1992) e Aparecida (2007) definem a opção preferencial pelas/os pobres e pelas juventudes como fundamento de suas ações.

Em nível de Brasil Marista, em 1974 é criado o Serviço Interprovincial de Animação Vocacional. Foi lá que ocorreram as primeiras reflexões sobre o que seria, no futuro, a Pastoral Juvenil Marista.

Em 1978, é eleito o Papa João Paulo II, também conhecido como o Papa da juventude. Durante o seu papado, foram criadas as Jornadas Mundiais da Juventude. Esses eventos fizeram com que o Pontífice andasse pelo mundo pregando a importância que as/os adolescentes e jovens têm para a Igreja e para sociedade.

O projeto Renovação Marista (REMAR) é implantado na Província Marista de Santa Catarina no ano de 1983, junto com a criação do movimento Embarcações de Amizade (EDA), formando, assim, o EDA-REMAR. Mais tarde, nas Províncias gaúchas de Santa Maria e Porto Alegre, o nome foi substituído por JUMAR (Juventude Marista). A Província Marista de São Paulo, em 1992, cria o Grupo de Alunos Maristas (GAMAR).

Em 1993, é criado o Serviço Interprovincial Marista (SIMAR), que era o organismo responsável pela pastoral juvenil e vocacional das províncias do Brasil. Por consequência, em 1996, acontece o I Encontro Nacional de Jovens Maristas, em Mendes/RJ, que teve como tema: “*No peito da juventude bate um coração Marista*”.

Em 2000, aconteceu o II Encontro Nacional Marista de Jovens, em Porto Alegre/RS. O lema escolhido para esse encontro foi “*Pé na história, olho no futuro*”. E, em 2003, realiza-se o III Encontro Nacional Marista de Jovens, em Natal/RN, com o lema “*Revele seu rosto amigo*”.

Caminhada 2005-2019 | Brasil Marista

Em 2005, na Igreja, com a morte do Papa João Paulo II, é eleito seu sucessor Bento XVI. No Brasil Marista, realiza-se o Encontro Nacional de Assessores da Pastoral Juvenil Marista em Florianópolis, que origina as Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista (DNPJM), sendo lançadas e implantadas nas três províncias do Brasil. O projeto foi construído a muitas mãos. Desde a primeira versão, tomou-se o cuidado para que todas/os que direta ou indiretamente estavam envolvidas/os fossem escutadas/os e se sentissem contempladas/os.

A PJM nasce a partir da soma das experiências das Embarcações da Amizade (EDA), do movimento da Renovação Marista (REMAR), do Grupo de Alunos Maristas (GAMAR), do movimento da Juventude Marista (JUMAR) e da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE). E, como diz no Evangelho de João, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muitos frutos (Jo 12, 24), foi necessário que esses movimentos todos dessem espaço para que nascesse o novo.

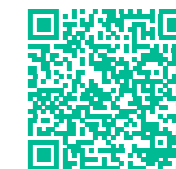
Também como movimento coletivo, fez-se a opção de respeitar o tempo das províncias em

aderir ao projeto, para que cada uma garantisse uma transição assertiva junto às/aos adolescentes, jovens e pastoralistas. Olhando para o caminho feito, somos chamadas/os a olhar com gratidão e reverência, vivendo o presente com alegria e sonhando com um futuro ousado.

Após validadas e lançadas as DNPJM, surgiu um novo desafio que foi a construção de um documento que desse a orientação, sendo seta que apontasse para caminhos de amadurecimento na fé, baseados em valores, lugares bíblicos e maristas. Depois de muito trabalho, nasce o documento *Caminho da Educação e Amadurecimento na Fé – a Mística da Pastoral Juvenil Marista* (2008), obra que foi pensada, escrita e validada coletivamente. Este documento trouxe uma novidade bastante significativa na caminhada da PJM.

Entre os dias 25 a 29 de janeiro de 2010 em Curitiba (PR), aconteceu o 1º Congresso Nacional da PJM, com o lema “*Corações Conectados*”. Com a participação de mais de 500 jovens, Leigas, Leigos e Irmãos. Em unidade, as juventudes maristas mostraram toda a sua força, ou melhor, a força de um sonho juvenil para a Igreja e para a sociedade da qual é parte.

Em 2013, com a renúncia de Bento XVI, foi eleito o Papa Francisco. Vindo da Argentina, é o primeiro Papa latinoamericano, que nos convida a uma *Igreja em Saída* (cf. *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 20 ss). Nesse mesmo ano, aconteceu, na cidade do Rio de Janeiro, o Encontro Internacional de Jovens Maristas. Teve como



Documento
Caminho da Educação e Amadurecimento na Fé - a Mística da Pastoral Juvenil Marista (2008).

Documento
Pastoral Juvenil
Marista - Orien-
tações para a
revitalização



Documento
Revista II Con-
gresso Nacional
da Pastoral Juve-
nil Marista



XXII Capítulo Geral
Assembleia representa-
tiva de todo o Instituto,
que se reúne a cada
8 anos para eleger
o Superior Geral e
seu Conselho e suas
diretrizes.



Documento
Sínodo dos
Bispos



Documento
Exortação Apos-
tólica pós-Sinodal



temática: “*Change: faça a diferença*” e o lema: “*Ide e fazei discípulos entre todas as nações*”. Estiveram no encontro aproximadamente 300 participantes dos cinco continentes. Após, na mesma cidade, houve também a Jornada Mundial da Juventude (JM).

No ano de 2015, foi lançado o documento: “**Pastoral Juvenil Marista: orientações para a revitalização**”, marcando historicamente o processo de revisão e atualização da PJM do Brasil.

Em 2016, de 17 a 23 de julho, houve a participação da PJM no Encontro Internacional de Jovens Maristas, “*Dare to Dream*”, em Lyon, França. Também foi uma forma de celebrar com as juventudes o bicentenário de fundação do Instituto Marista. Nesse mesmo ano, aconteceu a Jornada Mundial da Juventude, na cidade de Cracóvia na Polônia, contando com a presença de algumas/alguns jovens maristas.

O ano de 2017 foi marcado pelos seguintes eventos da PJM: o Bicentenário Marista ocorrido em todo o Instituto; o **II Congresso Nacional da Pastoral Juvenil**, ocorrido na cidade de Porto Alegre (RS), de 12 a 15 de outubro, com o tema “*Na Dança da Missão*”. No presente ano, também teve início o processo de revisão das Diretrizes Nacionais da PJM, sob a coordenação da União Marista do Brasil (UMBRASIL).

Ainda sobre 2017, o Instituto Marista realizou, na cidade de Rionegro, na Colômbia, **o XXII**

Capítulo Geral. Pela primeira vez na história houve a presença de jovens maristas, que conduziram, um dia, os trabalhos do capítulo e deixaram sua mensagem aos capitulares em nome das/os jovens maristas do mundo. Desta contribuição saíram alguns apelos importantes, os quais destacam-se: “*Para caminhar com crianças e jovens marginalizados pela vida*” e “*Inspira nossa criatividade para sermos construtores de pontes*”.

Em 2018, aconteceu o Sínodo dos Bispos, que foi dedicado às/aos jovens. A temática principal foi: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Houve a participação de jovens em todo o processo sinodal, sobremaneira no documento preparatório e em um encontro destinado apenas aos jovens. O **documento final**, aprovado em reunião, conta com 3 partes e tem como inspiração bíblica a aparição de Jesus Cristo Ressuscitado com os discípulos de Emaús.

Em 2019, de 15 a 20 de janeiro, na cidade da Guatemala, aconteceu o Encontro Internacional da Juventude Marista. Estiveram reunidos aproximadamente 160 jovens de 20 a 30 anos dos quatro ramos da família marista. A temática do encontro foi: “*tecendo a vida (weaving life)*”. Um dos objetivos do encontro foi oportunizar às/aos jovens o desenvolvimento de um projeto de vida.

Por fim, em março de 2019, o Papa Francisco presenteia os jovens do mundo inteiro com a exortação apostólica **Christus Vivit (Cristo vive)**, em que faz belas reflexões sobre todo

o processo sinodal e ressalta a importância dos/as adolescentes e jovens como parte ativa da Igreja.

Caminhada de cada província

Nos próximos tópicos, iremos apresentar um pouco da caminhada realizada por cada província no que tange ao desenvolvimento da PJM em suas realidades.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE (PMBCN)

Na PMBCN, a PJM nasce a partir de três experiências: EDA-REMAR, GAMAR e PJE. Os ritos de passagem desses movimentos para a Pastoral Juvenil Marista se deram até janeiro de 2008, na Assembleia Provincial da PJM. Neste mesmo ano, também nasce o Marco Referencial da Pastoral Juvenil Marista.

Em 2017, comemoramos os 10 anos da PJM na província, com uma celebração realizada no dia 20 de maio, dia do nascimento de São Marcelino Champagnat. Já no dia 11 de agosto, foi eleita a Comissão Provincial das Juventudes, como espaço de discussão e formação das/os adolescentes e jovens da PJM e de outros grupos da província.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-SUL (PMBCS)

Assim como as outras províncias, a PMBCS vivenciava os movimentos de EDA/REMAR e GAMAR junto às/aos adolescentes e jovens. A adesão à proposta da PJM inicialmente não se

mostrou fácil aos seus participantes, mas, aos poucos, entendeu-se que a proposta era bela e que era um caminho a trilhar.

O pontapé aconteceu em 2005, na cidade de Londrina, com a Missão Solidária Marista. Foi lá, escutando o apelo das/os adolescentes e jovens, que a província entendeu que havia a necessidade de trazê-las/os para perto, entender as suas angústias e fazer junto.

No Encontro de Representantes Jovens, essa escuta foi qualificada com a participação de dois jovens de cada unidade. Foi a partir disso que a PJM teve seu lançamento oficial em agosto de 2005, em Assembleia com a presença de jovens, pastoralistas e Irmãos Maristas.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL SUL-AMAZÔNIA (PMBSA)

A Pastoral Juvenil da PMBSA era conhecida pelo movimento JUMAR. Como dissemos, respeitando o tempo de cada província, fez-se a opção por um caminho gradativo, adaptando cuidadosamente cada local com a nova dinâmica trazida pela Pastoral Juvenil Marista.

Foi em 2009 que a transição aconteceu, o que acarretou na formação de **assessoras/es adultos e também** na escrita do **Marco Operativo da PJM**. Durante a reflexão desses trabalhos, também se chegou à conclusão que era importante a formação das/os animadoras/es da PJM, responsáveis por coordenar os grupos.



Documento
Marco Operativo da
PJM Marco Operativo
da PJM



3. Princípios norteadores

Civilização do amor: expressão utilizada pelo Papa Paulo VI, que durante o seu pontificado estimulou esse modo de ser e convidou para a sua construção. Outros papas também a retomaram, em especial Papa Francisco, que dirigindo-se aos jovens, disse: façam florescer a civilização do amor.

A expressão passou a ser utilizada pela Pastoral Juvenil Latino-americana, no ano de 1980, e as experiências de grupos de jovens que seguem uma metodologia pastoral adotam-na como uma forma de compromisso com a transformação da sociedade.

A PJM é constituída a partir de alguns princípios que a direcionam, que a fundamentam, pois não é fim em si mesma, mas meio para viver a **civilização do amor**. É justamente por ser meio que os princípios são fundamentais. O termo princípio tem origem do latim *principium*, que significa origem, causa primeira, início de uma ação ou processo. É a base de alguma coisa, a raiz, a razão. Já norteador propõe um caminho, orienta, guia, regula. Com outras palavras, os princípios norteadores são o chão e a direção a partir dos quais as juventudes e os grupos irão realizar suas experiências.

Cultivo da interioridade

Uma característica básica de nossa época parece ser a fragmentação. Muitas pessoas sentem-se internamente divididas, puxadas de um lado para outro pelas várias experiências que realizam durante o dia. Não têm mais tranquilidade interior. A intranquilidade persegue-as até no sono. Parece que não estão consigo mesmas, não estão em contato com o seu “eu” verdadeiro (Grün, 2004). Quando falamos de interioridade, segundo o dicionário, estamos nos referindo a algo que está na parte de dentro – qualidade; que está muito por dentro; que só se sente com a alma. Neste sentido, a interioridade é algo do nosso interior, poderíamos dizer que é viver por dentro e a partir daí projetar toda a nossa vida para o mundo, as relações, o trabalho, o compromisso.

A interioridade é a condição para se ser pessoa, para avançar na nossa pró-

pria humanização, rumo a uma vida plena. Uma pessoa que cultiva pouco a sua interioridade desenvolve pouco a sua personalização. Trabalhar a interioridade é habitar o próprio espaço interior, habitar em si próprio, que é o contrário de estar fora de si mesmo. Intuímos que cuidar explicitamente da interioridade tem a ver com o desenvolvimento pleno das pessoas, com sermos nós próprios e com a felicidade (GRUN, 2004, p.22).

O cultivo da interioridade torna-se, em nossos dias, importante e fundamental para que a pessoa encontre em si pontos de equilíbrio e cultive seu mundo interior.

Falar dela - interioridade - é compreender que todo ser tem um interior por descobrir, tem um mundo guardado que o conecta com as coisas, situações, lembranças, lugares, aromas, sensações mais íntimas e, ao mesmo tempo, mais socializadas e socializáveis de cada um; tem a possibilidade de saber-se conectado com a transcendência, qualquer que seja. Poderíamos dizer que essa é uma maneira de abordagem da interioridade humana (CELAM, 2018, n° 43).

O cultivo da interioridade abre a oportunidade para a espiritualidade cristã. Sem a experiência pessoal da existência desse mundo interior, a espiritualidade só seria um verniz: conceitos razoavelmente bem formulados, mas que não contribuem para a transformação do ser humano e muito menos para o reconhecimento do Sagrado que nos habita.

Desejamos que a Pastoral Juvenil Marista ajude a cuidar da corporeidade de cada adolescente e

jovem, proporcionando o contato com as suas sensações corporais; eduque para o silêncio e a meditação; ajude para que tenham consciência de sua respiração e possibilite exercícios para tal; ofereça técnicas de relaxamento, contribuindo para se tornarem mais conscientes e mais conectadas/os com seu espaço interior; proporcione a dança como forma de conectarem-se consigo e com a/o outra/o; possibilite que os exercícios de visualização sejam momentos em que, de maneira consciente, deixemos emergir imagens do nosso interior que carregam consigo informações importantíssimas sobre nós próprios e sobre a nossa percepção das coisas; promova momentos de oração, pois orar é simplesmente “estar” e dar-se conta, viver a Unidade que somos.

Defesa de direitos

Conforme atesta o documento sobre **Direitos Humanos de Crianças, Adolescentes e Jovens: Diretrizes para o Brasil Marista (2017)**, o conceito de Direitos Humanos, ao longo da história, foi percebido e entendido a partir de diferentes concepções, ideologias e contextos. Nestes últimos dois séculos, esse conceito **polissêmico** provocou questionamentos, lutas e transformações para o conjunto das sociedades modernas. Entender os sentidos do humano, o reconhecimento e a valorização dos fundamentos da humanidade, das necessidades de proteção e de efetivação destas, consideradas como direitos basilares e fundamentais, foram questões centrais nessa trajetória. Não se trata

de um percurso finalizado, mas de uma construção marcada por lutas e reconhecimentos, que continua sendo, e se edifica a cada dia na história concreta dos povos e nações. Dessa forma, um verdadeiro desafio para o cotidiano Marista.

A concepção geral (Direitos Humanos) e as específicas (direitos fundamentais) da atualidade ratificam um conjunto de direitos básicos, indispensáveis a todos os seres humanos, que são reconhecidos e compartilhados por inúmeras nações. Mesmo após longa caminhada de luta pela consolidação dos Direitos Humanos fundamentais, fatos e realidades em torno do planeta indicam que ainda há necessidade de uma constante fundamentação conceitual e efetivação dos valores contidos nesses direitos.

Hoje, é imprescindível reconhecer que há estágios e dimensões que auxiliam a compreensão e a luta pela efetivação dos direitos instituídos e conquistados. Ao retomar a historicidade da edificação do conceito e das lutas pela efetivação desses direitos, torna-se possível perceber que, na atualidade, existem algumas dimensões e características que definem e ampliam o entendimento e vivência dos direitos fundamentais/referenciais. Para Bobbio (2004), Direitos Humanos não são dados; são históricos, mutáveis e constantemente construídos.

Para as/os cristãs/os, a dignidade da pessoa humana tem um de seus fundamentos bíblicos na afirmação de São Paulo: “*Vocês não sabem que são templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destrói o templo de*



Documento
Direitos Humanos de Crianças, Adolescentes e Jovens - Diretrizes para o Brasil Marista

Polissêmico: são os diversos sentidos e direitos reconhecidos – da mulher, da criança, dos povos tradicionais, dos migrantes, pessoas com deficiências, dentre outros.

Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo são vocês” (1Cor 3,16-17).

Como cristãs/os, move-nos a certeza de que ninguém nasce por acaso. “Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia; antes de teu nascimento, eu já te havia consagrado” (Jr 1,5). Por isso, a defesa dos direitos fundamentais como vida, educação, saúde, habitação, convivência familiar e comunitária, cultura, esporte, lazer, entre outros é sempre urgente e necessária. Os direitos humanos são violados não só por terrorismo, repressão, assassinatos, mas também pela existência de condições de extrema pobreza e de estruturas econômicas injustas que originam grandes desigualdades (Santo Domingo, 1992).

Por sermos pessoas e cristãs/ãos, como menciona Boaventura de Souza Santos (2007) lutamos pela igualdade sempre que a diferença nos inferioriza, mas lutamos pela diferença sempre que a igualdade nos descaracteriza. Somos contra todas as discriminações de sexo, gênero, religião, ideologias, etnias, culturas e classes sociais. Em nossas unidades, há abertura para todas e todos. A inclusão social faz parte de nossa identidade. A grandeza de nossa ação educativo-pastoral se mede na

forma como acolhemos as crianças, adolescentes e jovens mais necessitadas/os e excluídas/os.

Portanto, estimulamos que a PJM defenda os direitos humanos, preferencialmente das/os adolescentes e jovens; incentive o estudo dos Estatutos da Criança e do Adolescente e da Juventude; promova a formação política; ajude a garantir a dignidade de todas as pessoas; aproxime-se de atores coletivos e redes que defendem os direitos; lute pela democracia; seja um ator político; produza análise de conjuntura para melhor conhecer a realidade e busque conhecimentos sobre os direitos humanos.

Diálogo inter-religioso, ecumênico e com “não crentes”

Chamamos de ecumenismo a busca da unidade entre as Igrejas Cristãs. O termo **ecumênico** provém da palavra grega **οἰκουμένη** (oikouméne), significa casa comum. Num sentido mais restrito, emprega-se o termo para os esforços em favor da unidade entre igrejas cristãs; num sentido mais amplo, pode designar a busca da unidade entre as diversas denominações cristãs. Já **diálogo inter-religioso** é o processo de compreensão mútua entre diferentes tradições religiosas, buscando dialogar e se respeitar mutuamente.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, (2013, n. 230), afirma que “a diversidade é bela, que há um valor na diversidade, contradizendo a imagem de uma homogeneidade cristã”. Reco-

nhecer o valor dessa diversidade é o desafio mais importante para as igrejas, para a teologia e para as pessoas.

O diálogo inter-religioso e ecumênico exige um coração voltado para a paz e a valorização da/o outra/o. Não basta realizar ações, é preciso ter de fato a espiritualidade do diálogo. Essa espiritualidade exige o cultivo de muitas qualidades.

A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Ao invés, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos, em nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e, por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isto não ajuda a missão da Igreja. (Francisco, 2013, nº131).

Uma qualidade necessária é a abertura ao diálogo cultural e religioso que é precedido pela acolhida à/ao outra/o. Não há possibilidade de diálogo se não se acolhe com ternura e com alegria a pluralidade de nossa sociedade. É importante reconhecer que a diversidade é acolhida por Deus, como um valor insubstituível, irrevogável. O pluralismo cultural e religioso é uma realidade em crescimento na vida social das juventudes.

Um belo testemunho do Evangelho é dado pelos jovens cristãos/ãs, quando vivem a sua fé de maneira a transfor-

mar a sua vida e as suas ações de todos os dias. São chamados a abrir-se aos jovens de outras tradições religiosas e espirituais, mantendo com eles/as relações autênticas que favoreçam o conhecimento recíproco e curem de preconceitos e estereótipos. Assim, são promotores/as de uma nova forma de diálogo inter-religioso e intercultural, que contribui para libertar as nossas sociedades da exclusão, do extremismo, do fundamentalismo e da manipulação da religião para fins sectários ou populistas. Tornam-se assim testemunhas e promotores, com os seus coetâneos, de uma cidadania inclusiva da diversidade e dum compromisso religioso socialmente responsável e construtivo da aliança social e da paz (FRANCISCO, 2017, nº 155).

Para tanto, esperamos que a Pastoral Juvenil Marista promova um diálogo que reconheça e respeite a diversidade cultural e religiosa do mundo; crie laços de afeto fraterno entre as pessoas e as Igrejas diferentes; realize oração em comum a partir da mesma fé; trabalhe em conjunto na construção de um mundo melhor, acolhendo as pessoas assim como elas são (e não como gostaria que elas fossem).

Diversidade

Sabemos que a humanidade é formada por seres plurais e diversos quanto à maneira de ser, sentir, raciocinar, agir, perceber a vida. Compreender e aceitar a vida na perspectiva plural requer abertura e deslocamentos, necessita sair de seu lugar comum ou do conforto de suas convicções, despir-se de prejulgamentos, de preconceitos, de discursos prontos, romper

Cultural: a par do património natural, encontra-se igualmente ameaçado um património histórico, artístico e cultural. Faz parte da identidade comum de um lugar, servindo de base para construir uma cidade habitável. Não se trata de destruir e criar novas cidades hipoteticamente mais ecológicas, onde nem sempre resulta desejável viver. É preciso integrar a história, a cultura e a arquitetura dum lugar, salvaguardando a sua identidade original. Por isso, a ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade, no seu sentido mais amplo. Mais diretamente, pede que se preste atenção às culturas locais, quando se analisam questões relacionadas com o meio ambiente, fazendo dialogar a linguagem técnico-científica com a linguagem popular: É a cultura – entendida não só como os monumentos do passado, mas especialmente no seu sentido vivo, dinâmico e participativo – que não se pode excluir na hora de repensar a relação do ser humano com o meio ambiente. (Laudato Si', 2015, n. 143)

com os estereótipos, para vivenciar realidades diferentes das nossas, sentindo o que o outro sente (empatia).

O princípio diversidade evoca a compreensão de cada pessoa a partir da sua trajetória de vida, requer o reconhecimento, a generosidade e o respeito. Não podemos ou não devemos compreender a pessoa somente pela nossa convicção, intuição, preconceito. Agindo assim, corremos o risco de discriminar sem conhecer.

Em nossa sociedade, a discriminação de pessoas em função de suas diferenças é uma realidade. Em vez de respeitar a diferença como um dos valores de maior prestígio para a humanidade, considera o modelo que adota como melhor e superior aos demais e acaba provocando discriminação em relação à condição física, cor da pele ou etnia, identidade de gênero, estilo de vida, opção partidária, orientação sexual, religião, entre outras situações.

O carisma Marista nasceu para defender a vida (Jo 10,10), não como uma opção momentânea ou de um discurso institucional passageiro, mas como um agir coerente com os seus princípios fundantes. Nascemos para promover a vida das/os adolescentes e jovens das mais diversas realidades, para acolhê-las/los na sua integridade, para ser o lugar onde elas/es podem ser como são, onde são recebidas/os com olhares compreensivos e não apenas críticos, onde as trajetórias de vida de cada qual são reconhecidas, valorizadas e incentivadas.

Em um mundo em que se constroem mais muros do que pontes, é preciso ousadia. Sabemos que a injustiça social tem endereço, cheiro, cor, gênero, classe. É “abandonar a cultura dos egos e promover os ecos (ecologia, ecossistema, economia solidária) que reduzem o escândalo da indiferença e das desigualdades” (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTA, 2017).

Ecologia integral e Casa Comum

A palavra ecologia tem origem grega, sendo que *oikos* significa casa e *logos*, estudo ou reflexão. Ecologia é o estudo e a reflexão sobre a casa e como são múltiplas as ‘casas’ que habitamos. Temos a nossa *casa ser humano*: nosso corpo, emoções, pensamentos, espiritualidade - ecologia pessoal; temos a *casa da/o outra/o*: nossos relacionamentos, nossa cultura, sociedade em que vivemos e da grande comunidade de todos os seres humanos que habitam o planeta - ecologia social e a *casa comum*, o planeta terra: com toda a sua diversidade, água, ar, minerais, vegetais, animais, que nos acolhe e sustenta a vida de todos os seres que nele habitam - ecologia ambiental. Essas três dimensões não se separam, senão formam elos profundos e interdependentes.

A ecologia integral propõe um olhar integrado das dimensões pessoal, social, **cultural** e ambiental. No fundo, predomina a ideia da não separatividade, de que tudo está interligado: “tudo o que existe coexiste, tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste através de uma teia infundável de

relações inclusivas. Tudo se acha em relação. Fora da relação nada existe” (LIBANIO, 2001, p. 9). Tudo faz parte de um todo uno e interdependente, ou seja, tudo tem a ver com tudo.

O Papa Francisco, na [Laudato Si' \(LS\)](#), afirma que

A ecologia integral abarca: ecologia ambiental, econômica e social, ecologia cultural e ecologia da vida cotidiana. Relaciona-se com o bem comum, clássico princípio da Doutrina Social da Igreja, e a opção preferencial pelos pobres. Inclui ainda um princípio emergente consensual: a justiça intergeracional, compromisso para com as futuras gerações (Laudato Si', 2015, N° 138 - 162).

A ecologia integral nos convida a zelar pela casa comum, cultivar a cultura do cuidado, incentivar o protagonismo juvenil, ajudar a criar políticas públicas, promover a mentalidade sustentável, consumir com responsabilidade, provocar mudanças no modo de viver de cada jovem e na sociedade.

Engajamento Sociopolítico

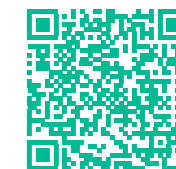
O engajamento sociopolítico, para a PJM, compreende a condição de sujeitos históricos, com presença reflexiva e ativa nos contextos em que estamos inseridas/os. As/Os adolescentes e jovens não são *crianças grandes*, tampouco *futuros adultos*, são pessoas que têm suas trajetórias e suas histórias. São cidadãs/ãos com direitos específicos que vivem uma fase de desenvolvimento única e extraordinária. Tudo o que experimentam nessa etapa influenciará

sua vida adulta. Isso equivale a considerar que as/os adolescentes e jovens estão presentes na sociedade com um jeito próprio de ser, de se expressar e de conviver. São criativas/os, têm enorme vontade e capacidade de aprender e de contribuir nos contextos em que estão inseridas/os. Vivenciam novas formas de estudar, pesquisar, brincar, dialogar e interagir.

Somos chamadas/os a estimular a participação, que, além de ser um direito, significa uma oportunidade de desenvolvimento. Participação significa tomar parte *em*, e não simplesmente fazer parte de. Implica oportunidades e capacidade de influenciar processos de decisão e tomadas de ação. Diz respeito a processos de conscientização sobre sua situação, direitos, necessidades, desejos e expectativas; como também à situação, direitos e desejos das/os outras/os. Participar é um dos principais instrumentos na formação de uma atitude democrática. Quem participa ativamente da vida pública de uma comunidade, cidade, estado ou país torna-se sujeito de suas ações, é capaz de fazer críticas, de escolher, de defender seus direitos e de melhor cumprir seus deveres.

O Papa Francisco incentiva:

Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do



Documento
Laudato Si'



... mundo. Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não “olheis da sacada” a vida, entrai nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... Não olheis da sacada a vida, mergulhai nela, como fez Jesus. Mas sobretudo, duma forma ou doutra, lutai pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial (Christus Vivit, 2019, n.º 174).

A partir do apelo feito pelo Papa Francisco, desejamos nos aproximar das pastorais e movimentos sociais para conhecer as causas e posterior engajamento sociopolítico; envolver em conselhos e fóruns de juventude; conscientizar-nos sobre nossos direitos; sermos agentes de mudança; desenvolver um processo de formação que nos instrua, encoraje e apoie a participar na vida pública; garantir momentos de experiência/imersão em diversas realidades no intuito de sensibilização e conscientização.

■ Espiritualidade Apostólica Marista

O termo espiritualidade vem da palavra *espírito*, que em grego significa pneuma e em hebraico *Ruah*, referindo-se a ar, sopro, respiração, o que dá movimento, vida. É aquele momento de nossa consciência pessoal que nos permite sentirmo-nos parte e parcela de um Todo que nos ultrapassa por todos os lados: o universo das coisas, das energias, das pessoas, das produções histórico-sociais e culturais.

Espírito em seu sentido originário, donde vem a palavra espiritualidade, é a qualidade de todo ser que respira. Portanto, é todo ser que vive, como o ser humano, o animal e a planta. Mas não só. A terra toda e o universo são vivenciados como portadores de espírito, porque deles vem a vida e são eles que fornecem todos os elementos para a vida e mantêm o movimento criador e autoorganizador (Boff, 1999, p. 130).

Na PJM, aprofundamos a espiritualidade cristã, que é o seguimento de Jesus. Ela nos identifica com Suas escolhas e o Seu modo de agir.

A palavra cristã, para nós, conotando a espiritualidade, não é apenas um adjetivo, é um substantivo vital. Poderá haver no cristianismo, nas diferentes Igrejas, nas várias congregações e institutos religiosos, ou nos movimentos apostólicos, matizes, acentos, adjetivações na espiritualidade (luterana, franciscana, marista, carismática), porém sempre o caráter de cristã é que definirá essa espiritualidade (CASALDÁLIGA, 1998, p. 20).

O que caracteriza a espiritualidade cristã é a sua fonte: “o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do senhor” (Lc 4,16-21).

A **espiritualidade marista**, legada por Marcelino Champagnat é Mariana e Apostólica. Mariana porque se espelha no jeito de Maria de se relacionar com Deus e com as pessoas; porque impregna a missão do jeito mariano, vivendo as

atitudes da escuta, da disponibilidade, da acolhida, do serviço generoso, da solidariedade, da oração, da união com Deus, com os outros e com a natureza, no seguimento de Jesus Cristo. É apostólica porque inserida na realidade, em especial entre crianças, adolescentes e jovens. Ela nos faz sentir a presença de Deus nos acontecimentos da vida e nos desafia pelos seus chamados.

Diante disso, desejamos que a PJM vivencie a espiritualidade apostólica marista como um modo de ser, promovendo processos e não somente eventos; incentivando e propiciando a participação em comunidades e em pequenos grupos; criando ambientes educativo-pastorais, onde cada qual partilhe fé e vida, alegrias e tristezas, reflexão e ação, ilusões e preocupações, inquietudes e esperanças, a oração, a festa, tudo o que são e querem ser, o que vivem, o que creem, o que sentem, o que esperam.

■ Igreja Povo de Deus

Somos Igreja, Povo de Deus, uma Igreja missionária que descobre, contempla, ama, agradece a presença, a obra do sagrado em cada ser humano e partilha com todas as pessoas, principalmente com as/os pobres e jovens, as alegrias e esperanças, tristezas e angústias.

Somos Igreja, pois:

Os jovens católicos não são meramente destinatários da ação pastoral, mas

membros vivos do único corpo, batizados nos quais vive e age o Espírito do Senhor. Contribuem para enriquecer aquilo que a Igreja é, e não somente o que ela faz. São o seu presente e não apenas o seu futuro (FRANCISCO, 2017, p. 20).

Hoje, mais do que nunca, como reforça o texto do documento Pré-Sinodal, é necessária uma Igreja que saiba responder aos anseios das juventudes, que queira caminhar junto com elas/es, que está próxima e as/os acolhem como protagonista de suas experiências de fé.

Como fez Jesus com os discípulos de Emaús, a Igreja deve transformar-se em companheira de viagem das/os jovens; deve ser dinâmica e sentir-se em missão para que todas as mulheres e os homens possam descobrir a ação e o calor do Espírito; deve ser missionária que leva em conta a realidade sociocultural para se comprometer com ela a partir da promoção da pessoa; que atende a/o adolescente e jovem, oferecendo-lhe um projeto de vida; que acolhe a intenção de mudar algumas expressões para tornar-se mais humana, acolhedora e inculturada; que aspira a realizar um serviço comprometido com a sociedade, principalmente com as/os mais necessitadas/os; que procura ser uma Mãe que acompanha a/o jovem em sua aventura de emancipar-se e tornar-se autônoma/o.

A essência da Igreja, Povo de Deus, está no serviço à humanidade, na perspectiva do Evan-

gelho. Para nós, maristas, a imagem que melhor define o serviço é a Igreja do Avental:

Então Jesus 'se levantou da mesa, tirou o manto e, tomando uma toalha, amarrou-a na cintura' (JOÃO 13, 4). Quando Jesus se ajoelha para lavar os pés de seus discípulos, sua perspectiva é de baixo: trata-se de servir, não, porém, como protagonista ou como quem tem todas as respostas, mas de joelhos, quer dizer, com a humildade de quem serve porque ama, sem buscar nada em troca. Quantos testemunhos escutei de pessoas cuja visão do mundo mudou quando aceitaram pôr-se de joelhos, perto dos que já estão 'abaixo' em nossa sociedade, e se deixaram educar por essas pessoas, sem preconceitos, nem medos. Sim, é verdade que é perigoso fazê-lo. Sua visão do mundo e da vida jamais tornará a ser como antes (TURÚ, 2012, p. 48 - 53).

Essa compreensão leva a olhar o mundo a partir da perspectiva do próximo, sendo capaz de pôr-se no lugar dela, deixando-se tocar por ela, compreendendo-a. A Igreja do Avental é um convite ao serviço e à caminhada com a/o outra/o.

■ Solidariedade

Valores como a compaixão, o cuidado e a cooperação parecem, por diversas vezes, distantes de uma sociedade que corre contra o tempo em busca de um crescimento desenfreado. No entanto, na contramão do senso comum, as juventudes traçam novos caminhos para fortalecer uma cultura da solidariedade em suas ações pessoais e profissionais.

Solidariedade vem do francês *solidarité*, passando pelo latim *solidum* (totalidade, segurança) e *solidus* (sólido, inteiro): é a determinação firme e perseverante de empenhar-se pelo bem comum. Uma sociedade, para ser humana, precisa viver de algo maior e mais generoso, como a solidariedade, a coesão pacífica entre as/os cidadãs/os, a disposição de colaborar para o bem comum.

A solidariedade que melhor condiz com a missão Marista é aquela praticada na perspectiva transformadora, buscando solucionar os problemas que afetam as condições estruturais necessárias à solidariedade. Pretende mudar as situações de fundo que originam injustiças socioambientais. Rompe a verticalização da ação e assume as problemáticas sociais como algo a ser discutido e transformado. O vínculo entre as/os interlocutoras/es é duradouro, promove relações humanizadas e humanizadoras e assegura o princípio da dignidade humana. Tal vínculo interativo promove um processo recíproco de mudanças e transformações (REDE MARISTA, 2018).

Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra "solidariedade" significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns (Evangelii Gaudium, 2013, n. 188).

Com isso, esperamos que a PJM incentive o voluntariado de forma processual, a cultura dos ecos, o engajamento sociopolítico, proporcione um itinerário formativo para a solidariedade, respeite o ser humano na sua diversidade, atue em vista da plenitude da vida, estabeleça parcerias com grupos ou instituições que promovam o bem-comum, estimule a compreensão de que as desigualdades podem ser transformadas, assuma concretamente a proposta e o modo de ser e agir de Jesus de Nazaré, utilize os recursos de modo responsável e sustentável, defenda e promova direitos.





4. Opções pedagógico- -pastorais

Documento

Evangelizadores entre os jovens (2011)



Lei nº 2.852/2013



Juventudes: segundo Dayrell (2003), construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica considerá-la a partir de um conjunto de experiências vivenciadas e de seu contexto social.

Documento Princípio desenvolvido a partir do Posicionamento Projeto de Vida (Rede Marista, 2018)



As opções **pedagógico-pastorais** são ferramentas, estratégias, posturas ou atitudes prioritárias na evangelização de adolescentes e jovens e discernidas a partir da pedagogia de Jesus de Nazaré. É fundamental que exista clareza sobre estas, pois afirmam aquilo que acreditamos, escolhemos e definimos como proposta orientadora no processo de educação e amadurecimento na fé.

A pedagogia-pastoral vivenciada junto às juventudes maristas quer ser transformadora, libertadora, comunitária (grupal) e experiencial. Parte da concepção que a/o adolescente e jovem é um ser integral e sujeito de direitos, pois são construídas e se inspiram numa determinada concepção de ser humano que pretendemos educar, de sociedade que queremos construir e de Igreja na qual queremos viver e compartilhar.

Na busca constante de sermos apóstolos/os das juventudes, queremos seguir os passos da pedagogia de Jesus, convite e desafio permanente para contribuir na construção da civilização do amor, através das relações fraternais. Aspiramos partilhar e continuar o sonho de Champagnat, reafirmando a opção profética pelas/os adolescentes e jovens, principalmente, as/os mais empobrecidas/os.

Adolescentes e Jovens

As/os adolescentes e jovens são sujeitos sócio-histórico-culturais e construtores de suas

próprias trajetórias de vida. Para o **Estatuto da Juventude** “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade”. Todavia, não podemos definir as/os adolescentes e jovens somente pela condição etária, mas também por sua condição e cultura juvenil às quais são expostas na realidade cotidiana (GROPPO, 2017).

Ser jovem, muito além de uma experiência geracional, diz respeito a viver múltiplos pertencimentos; é estar permanentemente em trânsito nessas experiências, sendo atravessado e construído pelas condições concretas de vida (CORDEIRO, 2009).

Por essa razão, o conceito “juventudes” é plural e multifacetado, visto que carrega consigo infinitas “faces” como grupos étnicos distintos, cor da pele, classe social, culturas, costumes, que as definem como diversas/os e diferentes.

Portanto, na PJM, as/os adolescentes e jovens são sujeitos de direitos, sócio-histórico-culturais, éticos e autônomos, com trajetórias de vidas, marcados pela diversidade, pelo protagonismo em suas vidas e na sociedade. Enfim, são cidadãs/ãos inteiras/os e plenas/os.

Desenvolvimento Integral da Pessoa

Entendemos como **Desenvolvimento Integral da Pessoa** um processo que considera os aspectos biológicos, sociológicos, antropológicos, culturais, psicológicos e teológicos da/o adolescente e jovem. Para tanto, é

imprescindível considerar as dimensões da formação integral propostas pela “Civilização do Amor”: a relação da/o jovem consigo mesma; com o grupo; sociedade; Deus Pai/Mãe Libertador; Igreja; natureza e a ecologia; e a relação com o meio educacional.

Matriz de referência para o desenvolvimento integral da pessoa

Dimensões	Pergunta(s)	Relação (ões)	“Chamados” “Desafios”
Psicoafetiva	Quem sou?	Eu	Ser, possuir-se, conhecer-se, trabalhar-se.
Psicossocial	Quem é o/a outro/a? Para/com quem sou?	Outro/a	Conviver, comunicar-se, partilhar.
Política	Onde estou? O que faço aqui? Qual meu papel na sociedade?	Sociedade/Mundo	Situar-se, comprometer-se historicamente.
Espiritual	De onde venho? Por que(m) existo? O que me move?	Transcendência/sagrado	Transcender-se.
Técnica	Como fazer?	Capacitação/missão	Fazer, construir.

Dimensão psicoafetiva

É a busca constante em responder: quem sou eu? É o esforço de tornar-se pessoa: descobrir-se, possuir-se, aceitar-se, integrar-se, trabalhar-se. É a relação consigo mesma/o.

Sugestões de conteúdos relacionados: autoconhecimento (história de vida, identidade, valores pessoais...), autocrítica, autovalorização, autorrealização, sentimentos, corpo, afetividade, tempo livre, saúde, cuidado consigo, autoestima, estilo de vida, confiança em si, autoima-

gem, descobrir-se amada/o, escutar-se, crise, intimidade, dar e receber, amor, igualdade.

Dimensão psicossocial

É a busca constante em responder: quem é a/o outra/o? Para quem sou? Com quem sou? A construção da própria personalidade não se realiza sem tomar como ponto de partida a vida da/o outra/o. É a capacidade de relacionar-se com ela/e e de descobri-la/o com suas diferenças de gênero, cultura, etnia, cor, faixa etária. A pessoa se reconhece e constrói sua identidade

a partir do encontro com a/o outra/o, com a história e com o mundo, pois existe para a convivialidade, gerando afeição e cooperação.

Sugestões de conteúdos relacionados: relações interpessoais, reconhecimento da/o outra/o, espaços de pertencimento, descoberta da comunidade, vida em grupo, integração familiar, cooperação, cultura, compromisso, amizades, conflitos, perdão, paciência, serviço, generosidade, escolhas afetivas, solidariedade, respeito/convivência com as diversidades.

Dimensão política

Almeja responder às perguntas: Onde estou? O que faço aqui? Qual meu papel na sociedade? É a busca em descobrir o mundo e tornar-se sujeito da história, com senso crítico, capacidade de analisar e participar, pois, a vida é coletiva. É a relação com a sociedade e a responsabilidade política para torná-la cada vez mais humana, comunitária e pública.

Sugestão de conteúdos relacionados: conscientização, organização/mobilização, transformação, participação, engajamento, consciência planetária, projeto de sociedade, cidadania, política, economia, ecologia, voluntariado, cultura, direitos humanos, meios de comunicação, ética, redes sociais, protagonismo, liderança.

Dimensão espiritual

Procura responder às perguntas: De onde venho? Por que existo? Por quem existo? O que me move? O espírito é parte constitutiva do

ser humano em si mesmo, sente-se inserido em um todo maior e se abre ao infinito. É a dimensão do profundo, Mistério que nos circunda e no qual nos encontramos. Ajuda a perceber o que nos move e anima a cultivar a bondade, a solidariedade, a compaixão, o amor. É a educação para as perguntas existenciais.

Sugestões de conteúdos relacionados: interioridade, emoções, procura, vocação, consciência corporal, meditação, espiritualidade cristã, seguimento de Jesus, silêncio, contemplação, oração, solidariedade, fé, igreja, forma de viver, sonhos, utopia, horizonte e sentido de vida, propósito, sensibilização.

Dimensão técnica

Procura responder às perguntas: Como fazer? O que fazer? É a relação do sujeito com a ação, pois a vida manifesta-se no fazer. Remete à realização, uma vez que cada pessoa é chamada a ajudar a construir o mundo. É a descoberta de habilidades e a busca de seu aperfeiçoamento. Não basta ter grandes objetivos, sonhos ou ideais, é preciso capacitar-se para construir e administrar projetos pessoais e coletivos. É o aprender a planejar, executar, interferir, avaliar.

Sugestões de conteúdos relacionados: escolhas profissionais, estudos, organização, liderança, trabalho e qualidade de vida, capacitação, realização, frustração, competências (conhecimentos, habilidades e atitudes), aperfeiçoamento, atualização, contribuição, relacionamentos profissionais.

Portanto, na PJM, entendemos que nessa opção pedagógica-pastoral considera a necessidade de conhecer a/o adolescente e jovem na sua integralidade, bem como investir em formação e subsídios específicos para contribuir na construção de si e de seu projeto de vida.

Grupo

Para a PJM, o grupo revela-se como um “espaço educativo que conta com participação regular e sistemática de seus membros, com idades homogêneas e envolvendo diferentes gêneros. Para nós, o grupo vem a ser espaço de crescimento, amadurecimento, formação e realização pessoal e comunitária, porque ali se facilita a criação de laços profundos de fraternidade e partilha efetiva de valores e pontos de vista de vida. Ainda, vem a ser uma ajuda para enfrentar os desafios que essa etapa de vida lhes impõe. É nele que se educa para olhar e descobrir a realidade junto com as outras pessoas.

É no grupo que se partilham ideias, aonde cada uma/um é reconhecida/o como pessoa e valorizada/o como tal. Quando a caminhada do grupo é significativa, percebe-se um testemunho pessoal, que contribui na formação do projeto de vida e possibilita escolhas vocacionais. Isso desencadeará um desejo real e sincero de transformação da sociedade, a partir do projeto de Jesus Cristo e da construção do Reino, que se constrói e se compromete com as realidades humanas e sociais periféricas.

Não podemos iludir-nos/os, pensando que um grupo nasce pronto, ou que todos têm o

mesmo desenvolvimento em maturidade. As etapas de desenvolvimento de qualquer grupo não devem ser tomadas de forma mecânica ou obrigatória, uma vez que passam por “fases” (gestação, nascimento, infância, adolescência, juventudes, vida adulta, morte) que podemos comparar ao desenvolvimento de uma pessoa.

Nós, enquanto PJM, vivenciamos o amadurecimento a partir das descobertas: descoberta do caminho comunitário; descoberta do grupo; descoberta da comunidade; descoberta da questão social e despertar da vocação e o amadurecimento do projeto de vida.

Por vezes, no caminho do grupo, será necessário “desacelerar” para que algumas/alguns adolescentes e jovens consigam acompanhar o “ritmo”. Em outros momentos, o grupo sentirá que precisa aprofundar os processos vivenciados. Essas reflexões são de suma importância para a maturidade das/dos participantes e do grupo.

Portanto, para a PJM, essa opção pedagógica-pastoral deve levar em consideração um espaço acolhedor para que os jovens possam se reunir; uma proposta aberta à diversidade; grupos heterogêneos com participantes com idades aproximadas (e que sejam entre 12 a 29 anos); presença de um/a acompanhador/a; encontros preparados, planejados, sonhados.

Organização

Para nós outra opção pedagógico-pastoral que assumimos como Pastoral Juvenil Marista. Acreditamos na força pedagógica da organiza-



ção e, por isso, o trabalho de evangelização da PJM realiza-se por meio de grupos, em um processo dinâmico de comunhão, fazendo surgir estruturas de participação e acompanhamento que revelam o caráter de serviço na missão de evangelizar adolescentes e jovens.

Na organização, as/os adolescentes e jovens participam do processo de formação, exercendo o protagonismo, educando-se para a autonomia, diálogo, respeito, responsabilidade e tolerância; buscando assemelhar-se a Maria, em suas virtudes de humildade, modestia e simplicidade.

Existem, nas Províncias, diferentes formatos de organização da PJM, mas todos visam garantir a importância da sistematização e construção coletiva junto com adolescentes e jovens, agindo provincialmente a partir de instâncias consultivas (Comissão das juventudes | PM-BCN; Comissão de Juventudes | PM-BCS; Equipe Provincial da PJM | PMBSA).

Assim, é necessário buscar os elementos e os desafios expressos na vivência das opções pedagógicas-pastorais da PJM, com vista à unidade, levando em consideração a diversidade e o respeito a essa caminhada. A organização nos traz unidade na diversidade.

Portanto, para a PJM, essa opção pedagógica-

-pastoral deve levar em consideração:

- A importância de se adotar a metodologia pastoral no processo de amadurecimento na fé de todos os seus envolvidos.
- A organização dos grupos da PJM por aproximação etária (12 a 14 anos, 15 a 17 anos, 18 a 29 anos) e não somente pelo critério do ano escolar, garantindo a vivência da mística.
- A ressignificação da entrega dos símbolos com base em um processo de acompanhamento pessoal do Projeto de Vida.
- O conhecimento das necessidades das/os jovens universitárias/os e ex-alunas/os e/ou educandas/os em relação ao amadurecimento na fé e sistematizar as experiências realizadas com esses grupos.
- A potencialização e a participação das/os adolescentes e jovens nas instâncias consultivas na estrutura de evangelização das Províncias.
- A definição de três funções para a PJM, respeitando os processos das províncias, mas proporcionando um alinhamento nas nomenclaturas:

Participantes: adolescentes e jovens que, chamadas/os a participar dos grupos de PJM, assumem o compromisso de construir sua identidade pessoal, grupal e a caminhada de amadurecimento na fé. São aquelas/es que participam entrosando-se na dinamicidade planejada do grupo, assumindo participação ativa na vivência cotidiana do grupo.

Coordenador/a e Animador/a: São adolescentes e jovens que se colocam a serviço do

grupo, assumindo a liderança na organização dos processos grupais no planejamento, no acompanhamento do projeto de vida do grupo e das/os participantes.

Assessor/a e Articulador/a: São adultos ou jovens mais experientes que já possuem experiência e testemunho autêntico de vida cristã e que se disponibilizam ao serviço de assessoria por meio do acompanhamento dos grupos.

■ Acompanhamento

Outra opção pedagógica-pastoral em que se insiste insistimos é o **acompanhamento**, e sua importância a partir do olhar do serviço de assessoria. O desenvolvimento na fé requer a presença e a ação de pessoas capacitadas, para que possam acompanhar os processos de amadurecimento na fé das/os adolescentes e jovens. Ele poderá ser feito pelas/os próprias/os jovens (jovens evangelizando jovens), de forma individual ou grupal, mas, principalmente, pelo/a assessor/a, articulador/a.

Portanto, para a PJM, consideramos o aprofundamento da dimensão do acompanhamento pessoal e grupal nas diferentes instâncias, respeitando o processo grupal, o protagonismo e a identidade, garantindo o acompanhamento.

■ Mística - o processo de educação e amadurecimento na fé

Na PJM, entendemos educação na fé como um processo dinâmico e integral, um itinerário que a/o própria/o adolescente e jovem deve

percorrer. O processo, também considerado caminho de amadurecimento na fé, não é algo que acontece de maneira automática. Pelo contrário, tem um início e supõe um percurso. Nem o ser humano e nem os grupos nascem prontos. Eles exigem um longo caminho de formação.

O processo de educação na fé tem a originalidade e a autenticidade que surge do encontro e da descoberta de um Deus que se revela em Jesus, no ser humano e na natureza. Esse processo de formação integral torna possível à/ao adolescente e jovem viver o projeto de Jesus, fazendo que se transforme em um apóstolo de outras/os adolescentes e jovens, e que se comprometa, como cristã/ão, na construção de uma sociedade mais justa, ética e solidária, sinal da civilização do amor.

Podemos dizer que a mística propõe um itinerário para a vivência da espiritualidade. Não nasce de nós, nem se destina somente a nós. Ela é resultado do relacionamento com o Espírito de Deus, que habita o mundo, e pode ser experimentada em espaços onde esse Espírito se manifesta: no quarto, nas montanhas, no deserto, na praia, n'um livro, n'alguma igreja, na comunidade, na eucaristia, n'uma visita a doentes ou necessitados. Entretanto, é necessário que se seja capaz e suficientemente atento para ver e perceber, em quaisquer desses lugares, o Espírito que deseja dar-me mais vida (Sab 1,6-7).

Quando falamos de mística da educação na fé, queremos falar da alegria e vibração que há na descoberta e no aprofundamento da fé no

Será aprofundado no capítulo sobre o acompanhamento.

seguimento de Jesus. Dele, aprende-se que a vida é bonita quando a gente se entrega às/ aos outras/os.

A mística não é somente algo racional, mas, antes, algo que alegra o coração sem deixar de ter, também, a sua lógica, experiencial, relacional e simbólica. É vibrante, carregada de sentido. Assim como se alimenta na fé, na esperança e no amor aos outros, ela se torna uma distribuidora de amor, de esperança e de fé, pois a mística favorece estas sínteses essenciais: de corpo e racionalidade, sonho e compromisso, ética e estética, o “eu” e o “outro”. Uma pessoa tem mística quando é vaso cheio que transborda o tesouro que carrega em si.

Embora seja dom, a mística precisa ser buscada, saboreada, estudada, celebrada. Ela está dentro e fora de cada um de nós. Tem sua raiz em Deus. Por isso, revela-se de muitas formas. Meu quarto é um lugar místico quando, nele, encontro mais a mim mesmo em Deus; uma paisagem é um lugar místico quando nela encontro mais a mim mesmo em Deus; uma praia é um lugar místico quando nela encontro mais a mim mesmo em Deus. Eu sou místico quando sou um espaço divino, onde Deus se manifesta em sua riqueza infinita. Embora huma-

nos e limitados, a Bíblia diz que somos “imagens” ou “ícones” de Deus entre suas demais criaturas. (UMBRASIL, 2008, n. 13).

Quando falamos de mística, queremos falar do humano-divino que acontece em nós no caminho da descoberta do seguimento de Jesus. Ele nos convida a viver a plenitude da vida na doação às pessoas. Isso não acontece do dia para a noite; mas, aos poucos, em caminhada, como o rio que, suavemente, encontra-se com o mar.

Portanto, o cultivo dessa mística nos conduz por dois caminhos: os lugares bíblicos, que contemplam a vida de Jesus; e os lugares maristas, que olham o contexto histórico e humano da vida de Champagnat. São dois cenários que se complementam. Nesses lugares, há humanidade e santidade, sabores e sentidos que podem ser vivenciados. É o lançar-se em nova perspectiva, enriquecendo o que já existia.

Metodo

Metodologia é palavra que vem de método, composta por metá (através de) e odós (caminho). Portanto, metodologia é o conjunto de aspectos de um caminho que contempla um ponto de partida, elementos do trajeto, meios utilizados e o ponto de chegada (REDE MARISTA, 2018, p. 27).

Por meio da metodologia, é possível resgatar, viver e celebrar a manifestação da graça de Deus em nossas vidas, porque com ela podemos ressignificar a história e o processo que construímos e o que está por construir.

Reafirmamos desejo de ser uma PJM que promova o protagonismo juvenil. Para cumprir essa tarefa, é preciso que a metodologia seja:

[...] coerente com a pedagogia de Jesus e com a pedagogia pastoral que atenda ao processo integral de educação na fé. Que favoreça uma experiência comunitária, participativa e dialogal, um crescimento no sentido de pertença à Igreja e que crie consciência missionária, fomentando o testemunho e o anúncio do evangelho de Jesus Cristo na vida cotidiana (SIMAR, Apud CELAM, 1997, p. 296).

No **processo metodológico da PJM**, é importante ter clareza do como se faz, qual nosso ponto de partida e qual será nosso ponto de chegada, ou seja, qual nosso horizonte na atuação. Portanto, a metodologia nos ajuda a responder um pouco estas perguntas: “O que devo fazer? Que passos devemos dar? Quais são os melhores instrumentos ou dinâmicas que podemos utilizar?”

Na PJM, consideramos o encontro de Jesus com os discípulos de Emaús como inspiração metodológica fundamental. A partir dessa proposta, o grupo poderá perceber a importância das atitudes de Jesus, pois o itinerário percorrido é permeado do que acreditamos ser fundamental como as atitudes de estarem juntos, da riqueza e da abertura no encontro, diálogo, descobertas, aproximação, escuta, olhar, compreensão, proposição. É necessário considerar a realidade, contextos, e suscitar uma compreensão social e teológica dessa experiência, levar à adesão e ao **compromisso prático**.

Portanto, para a PJM, a metodologia como opção pedagógica-pastoral deve levar em consideração o encontro de Jesus com os discípulos de Emaús. Nesse caminho, encontramos a/o outra/o e a/o acolhemos com o coração do ressuscitado. Essa dinâmica se revela na presença, típica de uma ação pastoral marista junto às juventudes. No caminho de Emaús (Lc, 24, 15-35) há um itinerário de seguimento, um ciclo dinâmico de diálogo e de descoberta. É dinâmico porque acontece “no caminho”: na rua, nas esquinas, nas conversas informais, nos momentos inesperados, pela estrada, no ônibus, à porta das casas. Eis algumas atitudes inspiradoras de **Jesus**:

Aproximar-se: “O próprio Jesus se aproximou, e começou a caminhar com eles” (v. 15).

Escutar: “O que é que vocês andam conversando pelo caminho?” (v.17).

Propor: “Será que o Messias não deveria sofrer tudo isso, para entrar em sua glória? Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele” (v. 26-27).

Experienciar: “Fica conosco, pois é tarde e à noite vem chegando” (v. 29).

Comprometer: “Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém” (v.33) e “então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus” (v. 35).

Referência: Instituto dos Irmãos Maristas, 2011, pág.: 83-84. MARSTAS, 2011, 83-84

Como PJM, adotamos um método que parta da realidade, suscite uma compreensão social e teológica desta experiência, leve à adesão e ao compromisso prático, exija o planejamento e a revisão e faça de tudo isso uma celebração. É o que entendemos, quando falamos do fazer a partir dos passos do ver-julgar-agir-celebrar-avaliar; método utilizado pela Igreja na América Latina.

Aprofundamento a partir do documento Evangelizadores entre os Jovens, pág.: 83 e 84.



5. Acompanhamento

Ministério da assessoria: quando falamos de ministério, falamos de serviço, e todo serviço exige vocação. A assessoria aos jovens, de forma pessoal ou grupal, além de ser uma função, é um verdadeiro ministério, uma vocação. O assessor é chamado por Deus para cumprir esta missão na Igreja, da qual recebe o envio (CNBB, 2007, N° 206).

Ao longo de sua caminhada na vivência grupal, somos convidadas/os a buscar constantemente o sentido no processo de desenvolvimento integral. A partir dessas experiências, passamos a partilhar e refletir sobre a forma de enxergar o mundo, a vida e os elementos à sua volta. Desenvolvemos um olhar e escuta mais atentos às situações e pessoas que nos cercam e, a partir disso, passamos a viver um processo de transformação pessoal.

Cada experiência vivenciada no grupo passa a ter grande significado no seu crescimento e amadurecimento enquanto pessoa, pois é na partilha e vivência com a/o outra/o que compreende sua própria existência. Esse processo coletivo acaba por ressignificar importantes aspectos de sua vida, ao passo que mexe com o que existe dentro de cada adolescente e jovem. As relações interpessoais se intensificam e à sua dinâmica com o mundo e a sociedade se agrega um senso crítico de sensibilidade e comprometimento social.

Com todas essas transformações e desafios de ressignificar a vida faz-se necessário que essa pessoa seja acompanhada de forma próxima por alguém que tenha sua própria caminhada de identificação e amadurecimento na fé. Esse acompanhamento passa a ser feito por alguém que vive e se compromete com o **ministério da assessoria**.

As formas de acompanhamento

Na PJM, optamos por desenvolver o acompanhamento de grupos e de adolescentes e jovens de forma sistemática e processual, o que significa que seja feito de maneira contínua e organizada, que as pessoas envolvidas consigam visualizar o todo do processo e se sintam engajadas na construção desse planejamento.

- **Individual:** para realizar o acompanhamento individual, entendemos que a/o adolescente e jovem é um ser único e integral, pertencente a uma realidade específica e enquanto agente crítico, com pensamentos e opiniões próprias, que vão sendo construídas ao longo de sua trajetória e vivência grupal. Com atenção e olhar cuidadosos, o acompanhamento individual é de extrema importância para a construção do projeto de vida, pois orienta, motiva e instiga. A/o acompanhante serve de inspiração e apoio, não fazendo a caminhada pela/o adolescente e jovem, mas, sim, auxiliando na compreensão de si mesma/o.
- **Grupal:** o acompanhamento grupal preza pelo processo que vai sendo vivido de maneira coletiva, levando em consideração a identidade, os caminhos traçados e as necessidades do grupo. É uma forma de ter um olhar atento às relações e ao caminhar desenvolvido na vivência grupal, prezando pelo cuidado com a caminhada e os processos vividos em comunidade.

Recomendamos que o acompanhamento dos processos da PJM seja feito em conjunto com adolescentes e jovens, de maneira a compartilhar a responsabilidade de cuidado com o grupo e com as/os participantes. Animadoras/es, articuladoras/es e assessoras/es constroem em sintonia a sistematização e planejamento da caminhada, de forma a somar e contribuir em conjunto.

O papel de quem acompanha

O amadurecimento na fé de adolescentes e jovens é uma tarefa que exige presença e comprometimento de quem acompanha, pois impulsiona o projeto de vida e serve de suporte para o crescimento de cada qual e do grupo.

Acompanhar é ser presença significativa, acolhedora; é ajudar a dar sentido à própria vida, a ter uma causa central em que se apoia e a que se dedica; é fornecer subsídios para o autoconhecimento e formação desse indivíduo, indo de encontro com a sua história de vida e com o que pulsa de sagrado em seu interior.

A/o acompanhante é aquela/e que provoca, questiona, denuncia, anuncia e motiva a/o adolescente e jovem a se desenvolver em sua integralidade. É importante estar sensível e aberta/o a compreender o momento em que vive o grupo, a/o adolescente e jovem, suas angústias e inquietações, seus sonhos e desejos, na intenção de buscar ajudá-la/o a compreender-se por si própria/o e a construir o seu projeto de vida.

O papel da/o acompanhante é levar os/as adolescentes e jovens a descobrir e trilhar o seu próprio caminho. De forma madura e responsável, a pessoa que exerce esse acompanhamento deve caminhar ao lado das juventudes

na intenção de que seja delas o protagonismo, buscando “respeitar a liberdade do processo de discernimento de uma/um adolescentes e jovem, fornecendo-lhe os instrumentos para realizar adequadamente este processo” (Christus Vivit, 2019).

O acompanhamento deve ser feito por aquelas/es que acreditam nas juventudes como agentes de transformação da realidade, que compreendem e valorizam seus anseios e que se sentem inspiradas/os por seu modo dinâmico, sensível e presente de agir.

Deve ser realizado por mulheres e homens que se sintam chamadas/os a ser instrumento de Deus na evangelização das juventudes e que, vivendo uma espiritualidade encarnada na realidade, inspirem adolescentes e jovens na concretização de seus projetos de vida, na sua formação de consciência crítica e engajada socialmente, fomentando o protagonismo e o seu papel enquanto sujeito político da sociedade (Instituto dos Irmãos Maristas, 2011).

Habilidades pessoais	Habilidades técnicas
Ser uma/um cristã/ão adulto encantada/o pela evangelização de adolescentes e jovens.	Ter conhecimento teórico e prático do processo de amadurecimento e educação na fé.
A capacidade de escutar os impulsos que a/o outro/a experimenta.	Ter experiência Pastoral no acompanhamento individual e grupal.
A capacidade de ser sensível à pessoa da/o adolescente e jovem e de se envolver no seu mundo.	Possuir habilidade de trabalho coletivo.
A capacidade de conter e aceitar o conteúdo emocional.	Querer aderir e vivenciar a mística da PJM.
A capacidade de ser paciente e sensível no discernir.	Estar em processo formativo continuado.
A capacidade de planejar com as/os adolescentes e jovens em todas as instâncias, desde o grupo até níveis mais amplos de participação.	Estar atenta/o aos sinais dos tempos em relação as demandas da nova evangelização das adolescências e juventudes.

Acompanhamento e projeto de vida

Acompanhar é ter a possibilidade de contribuir na construção do projeto de vida de adolescentes e jovens. Isso pode não ser tarefa muito fácil, pois a vida é uma arte e cada pessoa é o artista principal de seu projeto. Essa contribuição se torna mais efetiva se partir de, pelo menos, duas compreensões:

- A/o adolescente e jovem é ser integral e necessita ser acompanhado em seu desenvolvimento integral enquanto pessoa, ajudando-a/o a compreender a si mesma/o em diferentes dimensões de sua vida: psicoafetiva, psicossocial, política, espiritual e técnica (CELAM, 2013).
- O projeto de vida possui quatro aspectos fundamentais: dinamicidade e processualidade (não é estático e fechado), temporalidade (passado, presente e futuro), relacionalidade (eu, outro, sociedade) e integralidade (REDE MARISTA, 2018).

A partir desses dois pressupostos, encontra-se, no Projeto Educativo do Brasil Marista, uma definição de projeto de vida que ajuda a alargar a compreensão:

Construir um projeto de vida significa sonhar, planejar e viver em um movimento dinâmico de construção e reconstrução de si mesmo, de estabelecimento de metas e revisão constante de objetivo, fundamentando-os em valores éticos e cristãos, que são a força motriz da vida e dão sentido a ela. (UMBRASIL, 2010, p.69).

A primeira coisa que o acompanhante tem a fazer para ajudar a/o outra/o a discernir o caminho da sua vida e a construir o seu projeto

de vida é escutar. A escuta é tão importante que pressupõe três sensibilidades ou atenções diferentes e complementares (*Christus Vivit*, 2019, n. 292 a 294):

A primeira sensibilidade ou atenção é à pessoa.

Trata-se de escutar o outro, que se apresenta com as suas palavras. O sinal dessa escuta é o tempo que dedicamos ao outro. Não é questão de quantidade, mas de que o outro sinta que o meu tempo é dele: tanto quanto precisar para me manifestar o que quer. Deve sentir que o escutamos incondicionalmente, sem me ofender, escandalizar, aborrecer nem cansar. Tal é a escuta que o Senhor realiza quando se põe a caminho com os discípulos de Emaús e os acompanha durante longo tempo por uma estrada cuja direção seguida era oposta à correta (Lc 24, 13-35);

A segunda sensibilidade ou atenção é no discernir.

Trata-se de que o indivíduo perceba o ponto certo onde se discerne o que é a graça e o que é tentação. Aqui preciso me interrogar: O que é que, exatamente, está me dizendo esta pessoa? Que me quer dizer? Que deseja ela que eu compreenda do que lhe acontece? São perguntas que ajudam a entender onde se ligam os argumentos que movem o outro, e a sentir o peso e o ritmo dos seus afetos influenciados por esta lógica. É preciso ter a coragem, o afeto e a delicadeza necessários para ajudar o outro a reconhecer a verdade e os enganos ou as desculpas.

A terceira sensibilidade ou atenção consiste em escutar os impulsos - para diante - que o outro experimenta. É a escuta profunda do ponto

«para onde o outro quer verdadeiramente ir». Mais além do que sente e pensa no presente e do que fez no passado, a atenção orienta-se para o que quereria ser. Esta escuta é atenção à intenção última, que é aquela que, em última análise, decide a vida, porque há Alguém como Jesus que entende e valoriza esta intenção última do coração”

A experiência de caminhada grupal proporciona reflexão e discernimento sobre diferentes dimensões da vida da/o adolescente e jovem, de forma a motivar questionamentos, transformações e a própria (re)construção da sua identidade. Essa constante construção do ser faz brotar inquietações, projeções e sonhos que precisam ser analisados com olhar atento e cuidadoso.

A exemplo de Jesus, junto aos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), e Marcelino Champagnat, com os primeiros Irmãos, as assessoras e assessores, articuladoras e articuladores, são chamadas/os por Deus Pai/Mãe a construir nosso projeto de vida e ajudar adolescentes e jovens a também construir os seus projetos de vida.





6. Horizontes

Os horizontes são os sonhos que as juventudes maristas querem viver. Mas, diferente do que ordinariamente entendemos, os horizontes da Pastoral Juvenil Marista não se limitarão ao nosso campo visual, mas será do tamanho de nossos sonhos. E, por acaso, existe participante da PJM que não sonha?

Ir. Emili Turú nos inspira, dizendo “*Que podemos dizer sobre o futuro? Certamente não está em nossas mãos e provavelmente nos equivoquemos em qualquer previsão que fizermos; o que sim, podemos fazer, o que já estamos fazendo, é agir no presente*” (TURÚ, 2012, p.76).

■ Ser evangelizadores, Sal da Terra e Luz do mundo

O Instituto Marista está em sintonia com a Igreja em saída para o encontro fraterno e construtor de um mundo mais justo e solidário. Na PJM temos o desejo de que cada adolescente e jovem seja um/a agente evangelizador/a do mundo, sal e luz nos lugares onde não há sabor e as sombras muitas vezes predominam (Mt 5, 13-14).

Mas, qual o papel do sal e da luz hoje em nossa realidade? A luz é a nossa fé, que, doada no trabalho por um mundo melhor, não se apaga nunca, mas ilumina todas/os ao redor. O sal é aquilo que dá sabor à vida e nos preserva da corrupção, das injustiças e de tudo que vem para tirar o gosto da existência.

O Papa Francisco nos convida a “*ser sal da terra e luz do mundo na vida cotidiana*” (FRAN-

CISCO, 2017). E, por meio das novas diretrizes da Pastoral Juvenil Marista, queremos renovar esse convite e estendê-lo a todas/os.

Como nós podemos, enquanto sal e luz do mundo, pensar as práticas de justiça social e de solidariedade? Sabemos que é possível utilizarmos dos componentes curriculares no que tange direitos humanos e ética como ferramentas nessa missão. De fato, nós, Maristas de Champagnat, já estamos nesse processo de valorização, entendendo que eles ajudam na construção dos saberes e a repensar a vida, ao passo que parte da sociedade ainda não consegue pensar e dinamizar um caminho pastoral-pedagógico. Em que podemos contribuir nesse movimento? Como podemos estender a *práxis* juvenil Marista para a sociedade, sendo efetivamente sal da Terra e Luz do mundo?

Não basta ser apenas dentro de nossos muros. Precisamos ser *Sal e Luz* por meio de nossas experiências grupais ousadas e posicionamentos diante da vida.

■ Civilização do Amor: Alimentar as Utopias

Vivemos um tempo onde sonhar é tão desafiador que falar de Utopia muitas vezes pode parecer uma coisa que não chega a lugar algum. De fato, talvez até não chegue, mas nos tira da zona de conforto, leva-nos a um outro espaço e propicia-nos o encontro de respostas para mudar o lugar em que estamos. Falar de utopia é colocar-se à disposição para sonhar novos

horizontes. Eduardo Galeano costumava dizer que “*a utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei*” (GALEANO, 2019).

Nos perguntamos se a utopia é algo que nunca alcançaremos, para que caminhar em sua direção? A resposta é bem simples: para não ficar parado! Porque parar é um risco enorme, que não afeta somente a mim, mas também a história. A história é complexa e o tempo em que vivemos prova para onde a falta de ação tem nos levados, como, por exemplo, “o mal que lhe provocamos (Casa Comum) por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou” (*Laudato Si*, 2015, n. 2) A Utopia é uma oportunidade para imaginar outros mundos, capacidade criativa para sermos construtores de pontes e não aceitar as coisas como estão, levando-nos a sair do conformismo.

Essa capacidade criativa de sonhar é fruto de uma espiritualidade encarnada no cotidiano, a qual, ao longo do tempo, pode ser cada vez mais aperfeiçoada ou totalmente esquecida. Quando criança, nosso potencial de imaginação para acessar outros mundos é bem mais fácil. Com o passar do tempo, outras capacidades vão sendo adquiridas e há o risco eminente de, com o desenvolvimento do raciocínio lógico, ficarmos apenas no mundo realista. Esse é o grande risco e, por assim dizer, uma problemática do mundo adulto. Talvez aí

esteja a maior crise da sociedade da informação: perder a capacidade criativa de imaginar e não sonhar novos horizontes.

A Igreja do Brasil entende que a juventude é um “*lugar teológico*” privilegiado (CNBB, 2007) e traz em seu DNA a mudança do presente, sendo uma potência capaz de transformar e mudar os rumos da história. Ela tem a força de, interpelada pelas necessidades do mundo que nos rodeia, responder com coragem profética.

As juventudes exalam amor e amar é doar-se ao outro, como Jesus nos ensina. É no movimento de doação pessoal, sincera e desinteressada, que nos tornamos construtores de algo maior.

Deus é amor (1 Jo 4, 16), ama-nos incondicionalmente e deseja que todas as pessoas se amem também. A civilização do amor não é utopia, mas sim algo já vivido na PJM e a sua disseminação é um horizonte possível, por meio da sua mística e das manifestações de solidariedade das/os adolescentes e jovens. Falar da civilização do amor é falar de doação, de cuidado e zelo, onde ela estará presente em momentos de embates sociais e possibilitará ao mundo, junto a outras/os sonhadoras/es, uma nova humanidade regenerada.

Queremos viver esse sonho, também sonhado pelo Papa São João Paulo II, que disse às juventudes, “*só uma humanidade onde reine a civilização do amor poderá gozar duma paz autêntica e duradoura*” (JOÃO PAULO II, 2004).

Deus se manifesta nas juventudes, e é esse o entendimento que desejamos renovar na PJM.

Diante da rapidez das mudanças que vivemos nesse mundo turbulento e do acúmulo de informação, a distância ou diferença entre uma geração e outra se torna muito maior do que há trinta ou quarenta anos atrás. Um diálogo efetivo, profundo e transformador se torna, assim, mais exigente, mais difícil. São mundos diferentes que têm de se encontrar e se colocar em relação.

A individualidade tem sido acentuada na nossa época e parece que isso tem contaminado todas as relações, dos sujeitos mais velhos ao mais novos. Precisamos entender que não se faz o presente sem dialogar com a história, com a experiência, e que, às vezes, precisamos simplesmente parar um pouco e ouvir mais.

O monge Marcelo Barros diz que:

O desafio, tanto para a juventude, como para adultos e mais velhos está no diálogo profundo. Ele só ocorre quando aceitamos sair de nós mesmos e nos abrir ao outro. Consiste, também, em ir além da zona de segurança pessoal e nos perder no outro – um milagre que só o amor é capaz de fazer. E aí é importante que formas imediatas de amor (que são válidas e boas) não encham tanto a sala ao ponto de impedir o florescimento de formas mais profundas e exigentes,

fundamentais para um diálogo gratuito e não interesseiro. A sociedade atual considera a amizade como algo meio sem importância, como se acontecesse naturalmente, além de ser vista como sendo menos importante que o amor conjugal, por exemplo. Um diálogo mais profundo, como é o caso do intergeracional, necessita que se resgate a importância de as diversas formas de amor unificarem-se — sem que um seja mais importante que o outro —, em uma espécie de circularidade e complementariedade que faz bem a um lado e ao outro (SOUZA; BARROS, 2017).

O desafio que se apresenta é o de resgatar o amor como uma ponte para a transformação social, construindo comunidades fraternas de cuidado que possibilitem tirar as pessoas das margens, viabilizar a Cultura do Bem Viver.

■ **Maria: inspiração para as juventudes**

Ao tratar de evangelização no contexto Marista, é impossível não lembrar de Maria como exemplo singular de vocação. Maria é modelo de seguimento. Ela, para além da dominação masculina da sua época, deu o “sim” a um projeto de Reino. Em um tempo onde somente a figura masculina possuía credibilidade e era ouvida no contexto social, Maria é inspiração de juventude feminina e revolucionária, que entrega sua existência para humanidade, com coragem de sair e transpor montanhas. Maria é luta, é inspiração, é mulher que derruba do trono os poderosos e exalta os humildes.

É preciso desconstruir o sistema milenar em que vivemos para construir uma nova cultura, pautada por relações justas e igualitárias. Esse é um dos horizontes que a PJM já vive e sonha espalhar pelo mundo, onde as mulheres, assim como Maria possam marcar a história da salvação do povo de Deus. Por esse motivo, é preciso resgatar as figuras femininas que alimentaram e alimentam as nossas histórias.

Essa revolução parte em reconhecermos, em nossas Marias, mulheres autoras da transformação social e construtoras de ousados horizontes com o rosto jovem e marial, que foram e continuam sendo inspiração para a Pastoral Juvenil Marista.

■ **Cultura do Diálogo: favorecendo a construção de pontes**

Segundo o Papa Francisco,

A evangelização implica também um caminho de diálogo. Neste momento, existem sobretudo três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade — que inclui o diálogo com as culturas e as ciências — e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica. Em todos os casos, ‘a Igreja fala a partir da luz que a fé lhe dá’, oferece a sua experiência de dois mil anos e conserva sempre na memória as vidas e sofrimentos dos seres humanos. Isto ultrapassa a razão humana, mas também tem um significado que pode enriquecer a quantos não creem e convida

a razão a alargar as suas perspectivas (FRANCISCO, 2013, nº 238).

Vivemos um tempo de monólogos e verdades absolutas; entretanto, as juventudes, por meio de sua ousadia, são provocadoras e sempre trazem o novo. É necessário ir ao encontro delas para escutá-las, em uma relação aberta e verdadeira, pois dessa forma construiremos pontes capazes de sobrepor inúmeras realidades, como a falta de diálogo e as fronteiras existenciais e geográficas. E onde elas estão? Ora, nos lugares mais corriqueiros da vida comum.

A unidade se configura de maneira mais autêntica quando se consegue proporcionar equilíbrio e diálogo entre todas as pluralidades. O diálogo entre as diversas formas de crença e não crença é tão urgente quanto promissor, pois abre possibilidade para partilha de valores e vias de ação conjunta.

Uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não-cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados. Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e para outras comunidades religiosas (FRANCISCO, 2013, Nº 250).

É preciso, enquanto horizonte, estimular as/os adolescentes e jovens a dialogarem mais entre si, com a sociedade e com a Igreja, pois somos seres de afetos e necessitamos tecer relações para bem vi-

Documento

O bem viver -
Uma oportunidade para imaginar outros mundos.



vermos. Por natureza, as juventudes são dinâmicas e extremamente relacionais; sendo assim, torna-se estratégico para a construção de pontes promover espaços de diálogo e de escuta entre e para as/os adolescentes e jovens. Muito mais do que construir políticas públicas para as juventudes, é permitir que as/os adolescentes e jovens pensem também as políticas públicas; muito mais do que desejar que as juventudes se relacionem com a Igreja, é necessário que a Igreja seja jovem.

Embora saibamos onde desejamos chegar enquanto horizonte, ainda muito falta no que tange ao “como chegar”, e a melhor forma de construir esse caminho é em diálogo com as juventudes.

Construtoras/es de uma cultura da solidariedade, da paz e do bem viver

É necessário cultivar o Bem Viver, e para isso, em alusão a Alberto Acosta, o mundo precisa de mudanças radicais. Precisamos reconstruir relações, organizações sociais, práticas políticas e sistemas econômicos que rompam conceitos e busquem alternativas que incluam os Direitos Humanos e da Natureza como pauta urgente.

“O Bem viver é uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em uma convivência cidadã, em diversidade e harmonia com a Natureza, a partir do conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo” (TORTOSA apud ACOSTA, 2018).

Acosta elenca dez pilares para o bem viver, em sua obra “**O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**”, dentre eles, o Bem Viver, é uma proposta global (ACOSTA, 2018). Essa é uma proposta para todas/os e para a natureza em que vivemos e fazemos parte. É preciso cultivar a paz e o amor nas relações, a fim de que o mundo seja novamente um lugar harmonioso, e não um lugar de exploração e guerra.

A obra foi escrita em resposta ao sistema que por séculos foi movido pelas desigualdades e que só trouxe exploração, não cumprindo com as promessas do progresso. Com isso, é preciso romper com o modelo de sociedade estabelecido, harmonizar novamente a humanidade e a natureza e valorizar a partir de agora as riquezas culturais e expressões de vida mais diversas possíveis.

Queremos usar essa reflexão para a decisão ousada de traçar novos horizontes. Nessa decisão, a democracia deve estar presente desde o início e assim, o futuro será construído pela e para a sociedade, começando dentro dos grupos juvenis como a Pastoral Juvenil Marista, em resposta aos apelos da Igreja. Precisamos de

um mundo sustentável, onde todas/os são irmãs/ãos, no exercício da solidariedade e nas práticas que constroem uma cultura do bem viver. Nesse novo mundo, nós somos as/os protagonistas e agentes da missão.

O Papa Francisco nos convida a um novo pacto pela humanidade. Nós

“não precisamos de um projeto de poucos para poucos, ou de uma minoria esclarecida ou testemunhal que se aproprie de um sentimento coletivo. Trata-se de um acordo para viver juntos, de um pacto social e cultural” (FRANCISCO, 2013, N° 240).

Exercício da Cidadania Participativa e o Empoderamento das Juventudes

O Papa Francisco tem insistido que envolver-se na política é uma obrigação de todas/os as/os cristãs/ãos, que não devem ter uma atitude semelhante a de Pilatos em situações conflitantes, chegando ao ápice da omissão ao simplesmente lavar as mãos. A política, em sua essência, é uma das formas mais elevadas da caridade, pois ela trabalha para o bem comum.

Perante as contradições da sociedade, muitos jovens desejam fazer render os seus talentos, competências e criatividade, e estão dispostos a assumir responsabilidades. Entre os temas que eles consideram mais importantes, sobressaem a sustentabilidade socioambiental, as discriminações e o racismo. O envolvimento dos jovens obedece muitas vezes a abordagens inéditas, explorando inclusive as potencialidades da

comunicação digital em termos de mobilização e pressão política: propagação de estilos de vida e modelos de consumo e investimento críticos, solidários e atentos ao meio ambiente; novas formas de compromisso e de participação na sociedade e na política; renovadas modalidades de previdência social que beneficiem as pessoas mais vulneráveis (FRANCISCO, 2018, N° 52).

A PJM é convidada a exercer a participação juvenil nos espaços mais diversos possíveis e viáveis, porque a/o adolescente e jovem é a promessa do presente, capaz de abalar estruturas injustas, lutar por direitos até então negados e, assim como nosso fundador Champagnat, construir um mundo mais justo e solidário por meio da prática do protagonismo. Ser protagonista não é ser egoísta ou focar na autopromoção; é torna-se uma/um agente de mudança no meio em que está inserida/o, contagiando todos ao redor, a fim de potencializar uma boa iniciativa em uma forma coletiva e solidária de viver.

Uma das formas reais de protagonismo se manifesta na participação política juvenil nos conselhos

Assim como existem os Conselhos da Criança e do Adolescente e Conselhos de Saúde, por exemplo, também é possível que cada município institua o Conselho de Juventude. Esse órgão, responsável por propor, fiscalizar e deliberar políticas públicas de Juventude, reúne representantes da sociedade civil, através dos movimentos juvenis, junto a representantes dos governos. (BORGES, 2019, p. 78)

II direitos específicos: direito à Diversidade e à Igualdade, Direito ao Desporto e ao Lazer, Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão, Direito à Cultura, Direito ao Território e à Mobilidade, Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça, Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil, Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda, Direito à Saúde, Direito à Educação, Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente.

Os governos e a sociedade civil no Brasil foram motivados a construir e acompanhar diferentes espaços de debate sobre direitos humanos e políticas públicas. A criação de conselhos, ministérios e secretarias especiais e a realização de conferências de direitos e políticas públicas permitiram maior acesso da sociedade aos mecanismos de discussão e gestão das políticas, que, por longo tempo, estiveram restritos aos setores hegemônicos do poder.

No tocante a crianças, adolescentes e jovens, esse processo garantiu-lhes a participação em alguns espaços. Mas, ainda carecem o reconhecimento de sua condição de sujeitos de direitos. Assim, mesmo que sua atuação em espaços de controle social já esteja garantida por marcos legais, sua presença ainda é incipiente e, muitas vezes, assumida como mera obrigação burocrática. O caminho agora é dialogar e aprofundar os **II direitos específicos das Juventudes.**

Nem sempre ganhamos todas as batalhas travadas. Assim acontece também no processo formativo de participação política e ação protagonista. Precisamos ter a clareza de que “*Em uma perspectiva educacional, é importante ajudar os jovens a não desanimarem perante erros e fracassos, mesmo que humilhantes, porque fazem parte integrante do caminho para uma liberdade mais madura, consciente da própria grandeza e fragilidade*” (FRANCISCO, 2018, N° 76).

Nesse cenário, é propício que aproveitemos os espaços de aprendizagem das

Províncias Maristas Brasil Centro-Norte, Centro-Sul e Sul-Amazônia, explorando-os de modo criativo, a fim de acender a chama do empoderamento juvenil. Ações como a prática do voluntariado propiciam um protagonismo mais amplo e levam as/os adolescentes e jovens para uma esfera de aprendizado em lugares diversos, onde, assim, podem desenvolver suas habilidades e competências “*em prol da garantia dos direitos humanos e da coletividade, visando uma cidadania sustentável e cultivando os alicerces fundamentais da cultura da solidariedade*” (SOARES Et. all., 2018, p. 10).

As ações solidárias, práticas de voluntariado, Comissões das Juventudes, representatividade juvenil em esferas públicas, em conselhos e parlamentos juvenis são exercícios da igualdade proposta na arena pública, que é o lugar onde se iguala os desiguais. No mundo de hoje, infelizmente, podemos notar que a igualdade é algo existente predominante na esfera pública, e, por meio dessas iniciativas de protagonismo, a PJM adquire a possibilidade de participar dela e contribuir ainda mais na formação integral para além dos espaços formais de educação.

O exercício da cidadania participativa e empoderamento das juventudes são vividos hoje, na PJM, inspirados na perspectiva do encontro de Cristo com os discípulos de Emaús, onde as dimensões da Alteridade (realização plena por meio do contato com a/o outra/o) e Missionari-

dade (missão evangélica e construção do Reino) são vividas pelos/as estudantes e as pessoas com quem eles realizam a troca de experiência.

Fazer a opção preferencial pelas/os adolescentes e jovens é deixar-se encantar pelo seu dinamismo. Nessa perspectiva, só evangeliza educando e educa evangelizando a juventude quem, por ela, se deixa cativar. Não se pode falar em educação e evangelização desses interlocutores sem falar de seu protagonismo. Acreditamos que eles são sujeitos construtores de sua identidade e de sua organização individual e coletiva.

A palavra “protagonismo” vem do grego *protagonistés*: o principal lutador, muito utilizada na linguagem cênica para tratar daquele que é o ator principal, a pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar em um acontecimento. “Nesse sentido, desejamos que nossas/os adolescentes e jovens sejam protagonistas, autores de sua própria história, escrevendo os roteiros pelos quais irão percorrer sua trajetória, enquanto indivíduo em sociedade” (SOARES Et. all., 2019, p. 25).

Inteligências socioemocionais

As/os adolescentes e jovens de hoje são conduzidas/os pela sociedade a negarem partes de sua natureza humana, e, assim, não experimentarem do sabor de suas vidas na totalidade. Influenciadas/os pela cultura do imediatismo e imersas/os em

uma realidade onde demonstrar sentimentos é visto como sinal de fraqueza, temos o desafio de, enquanto Maristas de Champagnat, promovermos todas as possibilidades para se bem viver e aceitarmos as complexidades corriqueiras da vida, sendo quem somos, sem medo, pois todos somos humanos e passamos pelas mesmas coisas.

A PJM é espaço privilegiado para que todas/os as/os adolescentes e jovens expressem seus sentimentos e vivam com leveza. Ela é local de rompimento com modelos engessados de se viver e paradigmas criados ao longo dos anos, muitas vezes reprodutores sistemáticos de violência e de um modo de viver isolado, que não se vê em relação com o mundo e com as outras pessoas.

A partir de seu itinerário, a PJM ensina que não se deve mais perpetuar os aprendizados de uma sociedade muitas vezes unilateral. As juventudes devem também dizer não a toda cultura do descarte, na qual o movimento de amar as coisas e usar as pessoas tornou-se regra; ao espírito de competitividade tóxica, em que as pessoas preferem ser melhores que as outras e não melhores para as outras; às cobranças excessivas para as juventudes, as quais elas são obrigadas a terem todas as respostas sobre suas vidas da noite para o dia; a tudo que polui e faz mal às inteligências e à sanidade mental das/os adolescentes e jovens.

Quando falamos em cuidar das inteligências socioemocionais, estamos colocando em pauta a defesa da integridade psíquica-emocional das/os adolescentes e jovens e a promoção de um entendimento de que não pode haver comparação sobre quem é melhor ou mais evoluída/o. Pois, parafraseando Howard Gardner¹, Inteligência é a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais.

Gardner (2001) elenca nove inteligências socioemocionais que fazem parte da constituição do indivíduo, que devem ser cuidadas e estimuladas ao longo dos desdobramentos das **competências e habilidades** de cada pessoa.

Dessa forma, podemos ver a PJM nos horizontes do futuro, como lugar não só profético-teológico, mas pastoral-pedagógico, onde todas/os são valorizadas/os pelo que são e qualquer ideia de comparação é descartada pois entende que *“Se as pessoas possuem perfis cognitivos tão diferentes, as escolas não deveriam oferecer uma educação padronizada, e sim procurar oferecer uma educação que atendesse o potencial individual de cada um”* (RODRIGUES, 2015, p.10).

Ética e alteridade

Segundo o místico cristão Thomas Merton, ser humano algum é uma ilha. De todo lado e em todos os tempos, somos circundados pela vida que pulsa e teima vi-

ver, mesmo diante de situações não muito favoráveis. Em um contexto de abusos dos seres humanos uns pelos outros e pela exploração da vida no planeta, é urgente modificarmos nossa relação com as outras pessoas e com o meio. É de fundamental importância para a construção de uma nova sociedade que se supere uma visão antropocêntrica de mundo e se passe a uma visão biocêntrica, na qual o ser humano se assume como o grande responsável pela vida no planeta.

O Papa Francisco, na Exortação pós sinodal *Christus Vivit*, afirma que

Vemos hoje uma tendência para «homogeneizar» os jovens, dissolver as diferenças próprias do seu lugar de origem, transformá-los em sujeitos manipuláveis feitos em série. Deste modo, causa-se uma destruição cultural, que é tão grave como a extinção das espécies animais e vegetais. Por isso, numa mensagem aos jovens indígenas reunidos no Panamá, exortava-os: «Assumi as vossas raízes! Mas não vos limiteis a isto. A partir destas raízes, cresci, floresci, frutifiquei» (*Christus Vivit*, 2019, n. 186)

Nesse sentido, é de fundamental importância reconhecer as diversidades das juventudes para que seja possível a elas sair do isolamento e abrir-se ao cuidado integral com a vida, dom de Deus para a humanidade e para toda a criação. Isso se faz quando percebemos que o outro não é somente uma ideia, mas é a pessoa que está ao nosso lado e todo a natureza que garante as possibilidades de vida.

Há que ressoar no coração de nossas juventudes a atitude do bom samaritano, que se fez próximo do homem assaltado que corria risco de morte pelo caminho. Hoje, na mesma situação, encontram-se tantos outros, várias realidades de ordem humana, social e ecológica que exige de nós uma conversão, uma mudança de caminho para ir ao encontro do outro.

A construção de um outro mundo possível começa com ações pontuais, pequenas e, ao se encontrar com ações semelhantes dos outros, possibilita que o Reino de Deus seja uma realidade presente no hoje da história. Segundo o Papa Francisco:

Para se poder falar de autêntico progresso, será preciso verificar que se produza uma melhoria global na qualidade de vida humana; isto implica analisar o espaço onde as pessoas transcorrem a sua existência. Os ambientes onde vivemos influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir. Ao mesmo tempo, no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro, usamos o ambiente para exprimir a nossa identidade. Esforçamo-nos por nos adaptar ao ambiente e, quando este aparece desordenado, caótico ou cheio de poluição visiva e acústica, o excesso de estímulos põe à prova as nossas tentativas de desenvolver uma identidade integrada e feliz. (Laudato Si por FRANCISCO, 2015, n° 147.)

Vivência contínua do legado de São Marcelino Champagnat

Após o encontro decisivo com o jovem Montagne, São Marcelino Champagnat

aceitou de forma irrevogável o chamado de Deus na fundação do Instituto Marista, que assumiu, como missão, cuidar das crianças, adolescentes e jovens em condição de vulnerabilidade ao redor de todo o mundo. Champagnat foi um colaborador da construção do Reino de Deus e o carisma marista é a ferramenta dessa missão. Após anos de história da PJM, as/os adolescentes e jovens pertencentes a essa grande família são convidadas/os a diariamente renovar seu compromisso de viver o carisma marista, desde as pequenas coisas, como discípulas/os do Padre Champagnat.

Hoje, mais do que nunca, *“Os jovens devem tornar-se eles os primeiros e imediatos apóstolos dos jovens, realizando o apostolado no meio deles e através deles, levando em conta o meio social em que vivem”* (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2011, n° 103).





7.
**O caminho
se faz
caminho**

É tempo de construir pontes.

Vivemos em um mundo contemporâneo caracterizado pelo ambiente digital, que desconstrói e reconstrói nossas relações de comunicação. A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso autoisolamento, como uma teia de aranha capaz de capturar (Francisco, 2019). A partir disso, pensar em um ambiente de PJM é restabelecer um contato humano e um diálogo de afeto que nos falta nessa sociedade imediatista e individualista.

É necessário caminhar para a contínua construção de uma Pastoral Juvenil Marista acolhedora das diversas juventudes englobadas pela instituição, não se limitando aos seus muros, isto é, sendo ponte entre a unidade marista e a cidade, procurando a participação social, eclesial e política e indo ao encontro, principalmente, das/os adolescentes e jovens às margens da sociedade.

Que os momentos de PJM sejam de reflexão sobre as injustiças da realidade e construção de novas ideias para uma mudança direcionada à utopia. Que cada nova conversa e ação sejam um novo

passo em direção ao horizonte. Que a construção dos projetos de vida seja uma resposta das juventudes aos projetos de morte que o mundo de hoje não se cansa de elaborar.

Que os encontros Locais, Regionais, Provinciais e Nacionais da PJM sejam oportunidades de encontro, partilha, prática de solidariedade, vivência eclesial, formação e celebração. Todas essas possibilidades nos remetem à dimensão do caminhar, de mover-se individual e coletivamente rumo a uma vivência dos sonhos, dos desafios e dos caminhos juvenis que queremos trilhar.

O Papa Francisco, durante a Jornada Mundial da Juventude no Brasil em 2013, exortava as/os adolescentes e jovens a não deixarem que outros fossem protagonistas da mudança. Arriscamos ir um pouco além: que sejamos construtores dessa mudança, autores de nossas próprias histórias. E que a PJM seja o espaço em que essa revolução jovem tenha início.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: Uma Oportunidade Para Imaginar Outros Mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

BOFF, Leonardo. **Ética da Vida**. Brasília: Editora Letraviva, 1999.

BORGES, Vinicius Gomes. **A força da transformação: juventudes e política**. IN: FERREIRA, Aline Gonçalves; Moreira, Eliane Silva; SOUZA, Félix de Souza. Almanaque Juvenil de Educação: práticas pedagógicas de educação para paz. Belo Horizonte: Promove, 2019.

BRASIL. **Estatuto da Juventude. Lei 12.852/13**, 5 de agosto de 2013.

CASALDALIGA, Pedro. **Nossa espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais. Documento 85**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Civilização do Amor: projeto e missão – orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-americana**. Edições CNBB: Brasília, 2013.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Civilização do Amor: tarefa e esperança- Orientações para uma Pastoral da Juventude Latino-americana**. Brasília: Edições Paulinas, 1997.

CORDEIRO, D. **Juventudes nas Sombras**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2009.

DAYRELL, J. **O Jovem como Sujeito Social**. Revista Brasileira de Educação, n. 24, set. /out. / nov. / dez., 2003.

FRANCISCO, Papa. **ANGELUS: Praça São Pedro – Domingo, 5 de fevereiro de 2017**. Vaticano, 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20170205.html>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FRANCISCO. Papa. **Carta encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum.** Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. Papa. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium: A Alegria sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2013 Vaticano, 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso: 03 set. 2019.

FRANCISCO. Papa. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit,** 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html>. Acesso em: 11 set. 2019.

FRANCISCO. Papa. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional:** documento preparatório para a XV Assembleia do Sínodo dos Bispos. 2017. Roma, 2018. Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/03/24/0220/00482.html#porto>>. Acesso em: 03 set. 2019.

FRANCISCO. Papa. **Santa missa da celebração da jornada mundial da juventude.** Homilia do Santo Padre, 2019.

FURET, Jean-Baptiste. **Vida de São Marcelino José Bento Champagnat** – São Paulo: Loyola: SIMAR, 1999.

GALEANO, Eduardo. **Para que serve a utopia?** Revista Prosa Verso e Arte, Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/para-que-serve-a-utopia-eduardo-galeano/>> . Acesso em: 3 junho de 2019.

GARDNER, Howard. **Inteligência: um conceito reformulado.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GROPPO, Luís Antônio. **Introdução à Sociologia da Juventude.** Jundiaí, Ed. Paco Editorial, 2017.

GRUN, Anselm. **Espiritualidade do jovem: quem sou eu e quem desejo ser?** Tradução de Zwinglio Dias. Petrópolis: Vozes: 2004.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Deu-nos o nome de Maria.** Roma, 2012. Disponível em: <http://www.champagnat.org/e_maristas/Circulares/32_1_PT.pdf> Acesso em 05 set. 2019.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Fourvière: a revolução da ternura.** Roma, 2016. Disponível em: <http://www.champagnat.org/shared/bau/LetterEmili2016_PT.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **O futuro tem um coração de tenda.** Roma, 2014. Disponível em: <http://www.champagnat.org/e_maristas/emili_turu/CartaSuperior2014_10_PT.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Água da Rocha: espiritualidade Marista, fluindo na tradição de Marcelino Champagnat.** Guarulhos: FTD, 2007.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Evangelizadores entre os jovens: documento de referência para o Instituto Marista.**, volume 1/Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista. São Paulo: FTD, 2011.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Mensagem do XXII Capítulo Geral: Caminhos como família global.** In: INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. Capítulo Geral, 22., 8 set./20 out. 2017, Rio Negro, Colômbia [Anais...]. Rionegro: Instituto dos Irmãos Maristas, 2017. Disponível em: http://www.champagnat.org/shared/bau/Document_XXII_General_Chapter_PT.pdf. Acesso em: 05. Set. 2019.

JOÃO PAULO II, Papa. **Mensagem De Sua Santidade João Paulo II Para A Celebração Do XXXVII Dia Mundial Da Paz: Um Compromisso Sempre Atual:** Educar Para A Paz, 2004.

JOÃO PAULO II, Papa. **Mensagem do Santo Padre aos participantes no capítulo geral da família marista.** 2001. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/september/documents/hf_jp-ii_spe_20010917_famiglie-mariste.html> Acesso em 3 jun. de 2019.

LIBÂNIO, João B. **A Religião no início do milênio.** São Paulo, SP, Ed. Loyola, 2001.

REDE MARISTA. **Posicionamento Projeto de Vida: a construção da integralidade da pessoa.** Porto Alegre: Odisséia: 2018.

REDE MARISTA. **Posicionamento Solidariedade: Nossa compreensão e os caminhos para contribuir com a cultura da Solidariedade.** Porto Alegre: Odisseia: 2018.

REDE MARISTA. **Serviço de Pastoral: identidade, metodologia e compromissos.** Porto Alegre: Odisséia: 2018.

REDE MARISTA. **Vivência grupal da PJM: marco operativo**. Porto Alegre: CMC, 2015.

RODRIGUES, L. G. **Um estudo sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas**. São Paulo, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SIMAR – SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA. **Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista: PJM- Pastoral Juvenil Marista**. São Paulo: FTD, 2005.

SOARES, Paulo Henrique Oliveira; ORNELAS, Gustavo Cândido; RODRIGUES, Andréia Crispim. **VEM: Voluntariado Estudantil Marista**. Brasília: UBEE, 2018.

SOARES, Paulo Henrique Oliveira; PEREIRA, João Vitor Menduiña Ramos; OLIVEIRA, Nayraline Barbosa de. **Comissão das juventudes: orientações e posicionamentos**. Brasília: UBEE, 2019.

SOUZA, Jonathan Felix; BARROS, Marcelo. **Conversas por E-mail – Diálogo Intergeracional**. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/2017/10/30/conversas-por-e-mail-dialogo-intergeracional/>> Acesso em: 20 mar. 2019.

UMBRASIL. **Caminho da Educação e Amadurecimento na Fé: a mística da Pastoral Juvenil Marista** / [Comissão Nacional de Evangelização dos Irmãos Maristas; símbolos e painéis Sérgio Ceron] - São Paulo: FTD, 2008.

UMBRASIL. **Pastoral Juvenil Marista: orientações para a revitalização**. Brasília: UMBRASIL, 2015.

UMBRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a Educação Básica**. Brasília: FTD, 2010.

UMBRASIL. **Revista do 2º Congresso Nacional da Pastoral Juvenil Marista**. Porto Alegre: UMBRASIL, 2017. Disponível em: < Acesso em 03 set. 2019.

Anotações

